

Joni Ronaldo Cavalheiro

**A RESPONSABILIDADE DA COMUNIDADE ECLESIAL NA  
PROMOÇÃO DA MISSIONARIEDADE BATISMAL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
submetido ao Curso de Teologia da  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
para a obtenção do Grau de Bacharel  
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Ademir Eing

Florianópolis  
2020

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da  
Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

CAVALHEIRO, Joni Ronaldo

A responsabilidade da Comunidade Eclesial na promoção da  
missionariedade batismal / Joni Ronaldo Cavalheiro; orientador:  
Ademir Eing - Florianópolis, SC, 2020.

87 p.

TCC (Graduação – Teologia) – Faculdade Católica de Santa  
Catarina.

Inclui referências:

1. Missionariedade batismal
2. Comunidade eclesial missionária
3. Desafios da missão.

Joni Ronaldo Cavalheiro

**A RESPONSABILIDADE DA COMUNIDADE ECLESIAL NA  
PROMOÇÃO DA MISSIONARIEDADE BATISMAL**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, 02 de outubro de 2020.

---

Prof. Dr. Rafael Alex Lima da Silva  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Ademir Eing  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Orientador

---

Prof. Ms. Luciano dos Santos  
Secretário Executivo CNBB-SUL IV  
Avaliador

---

Prof. Dr. Pedro Paulo das Neves  
Faculdade Católica de Santa Catarina  
Avaliador



Dedico este trabalho aos meus pais José e Lída, meus irmãos Juliano e Ligiane, meus cunhados Alencar e Daiane.



## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por me ter concedido o dom da vida e ter-me conduzido em seus caminhos, vocacionando-me ao ministério ordenado.

Aos meus pais José e Lúcia, principais responsáveis pela minha primeira formação, por terem regido meus passos iniciais na fé.

Ao meu irmão Juliano e à minha irmã Ligiane, pelo exemplo, cuidado e testemunho; da mesma forma aos meus cunhados Alencar e Daiane, pela amizade, carinho e companheirismo.

À Diocese de Caçador, a Dom Severino Clasen, bispo que acompanhou todo o meu processo formativo, aos padres e a todos que confiaram em mim e me guiaram nestes anos de formação.

Aos meus colegas e amigos do Seminário Teológico Residência São José, os que passaram e aqueles ainda residentes, pois com eles aprendi o sentido da vida em comunidade. Também ao Pe. Marlon Malacoski, reitor que nos orientou nesta última etapa da formação presbiteral.

Aos grandes amigos e amigas que conquistei durante a caminhada, especialmente àqueles que estiveram junto a mim durante todo o curso de Teologia.

Ao professor Dr. Pe. Ademir Eing, pelo tempo e pelas habilidades dedicados como exímio orientador desta pesquisa; pela sabedoria partilhada como professor, fazendo com que me apaixonasse ainda mais pela Igreja Católica.



Ide, pois, e fazei discípulos todos os povos,  
batizando-os em nome do Pai e do Filho e do  
Espírito Santo.

(Mt 28,19)

Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no  
mundo.

(*Evangelii Gaudium*, 176)



## RESUMO

Este trabalho, realizado por meio de pesquisa bibliográfica, aborda o protagonismo da comunidade eclesial na promoção da missionariedade batismal. O Concílio Vaticano II redescobre a comunidade eclesial local, desvela sua identidade missionária e a instiga a, discernindo os sinais dos tempos, fazer frente aos desafios que encontra no campo de missão. O sacramento do batismo insere numa comunidade eclesial concreta, depositária dos meios dispostos por Cristo para a ação do Espírito Santo, especialmente a Palavra e a Eucaristia. É dever desta comunidade propiciar ao batizado a experiência do encontro com o Ressuscitado. Destaca-se, assim, a comunidade eclesial como aquele ambiente no qual o Espírito age formando discípulos de Cristo, preparando-os para a missão, seja através do testemunho de comunhão na fé e no amor, seja também oferecendo-lhes formação específica para o engajamento efetivo nas mais diversas frentes de serviço, segundo os carismas e dons concedidos.

**Palavras-chave:** Missionariedade batismal. Comunidade eclesial missionária. Desafios da missão.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AA – *Apostolicam Actuositatem*  
AG – *Ad Gentes*  
CDC – Código de Direito Canônico  
CELAM – Conselho Episcopal Latino Americano  
CIC – Catecismo Igreja Católica  
ChL – *Christifidelis Laici*  
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
DAp – Documento de Aparecida  
DGAE – Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora  
EG – *Evangelii Gaudium*  
GS – *Gaudium et Spes*  
LG – *Lumen Gentium*  
Org – Organizador  
PO – *Presbyterorum Ordinis*  
RM – *Redemptoris Missio*  
s.n. – *Sine nomine*  
SC – *Sacrosanctum Concilium*  
Trad. – Tradutor  
UR – *Unitatis Redintegratio*  
Vol. – Volume



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>1 A REALIDADE DA MISSÃO E SEUS ATUAIS DESAFIOS</b> .....	<b>21</b>
1.1 SINAIS DOS TEMPOS .....	21
1.2 DESAFIOS ATUAIS À MISSÃO NA IGREJA .....	23
1.2.1 Mudança de época .....	23
1.2.2 A globalização .....	25
1.2.3 Realidade econômica .....	28
1.2.4 Ecologia integral: Amazônia e povos indígenas .....	30
1.2.5 Realidade eclesial .....	32
1.3 A REPERCUSSÃO DOS DESAFIOS UNIVERSAIS NA IGREJA EM SANTA CATARINA .....	34
<b>2 A MISSIONARIEDADE BATISMAL</b> .....	<b>39</b>
2.1 A PIA BATISMAL COMO FONTE DA ÁGUA VIVA .....	39
2.1.1 Água que lava e purifica .....	39
2.1.2 Água que comunica a vida divina .....	40
2.1.2.1 A filiação divina .....	40
2.1.2.2 A inserção no povo de Deus .....	42
2.1.2.3 A herança eterna .....	44
2.2 TODO DOM RECLAMA DOAÇÃO, TODO TALENTO MULTIPLICAÇÃO .....	45
2.2.1 A partilha dos dons é inerente a fé cristã .....	46
2.2.2 A apostolicidade, uma nota eclesial e não apenas hierárquica .....	47
2.3 O BATISMO COMO CONSAGRAÇÃO À MISSÃO .....	48
2.3.1 Função profética .....	49
2.3.2 Função real .....	49
2.3.3 Função sacerdotal .....	50
2.4 OS CARISMAS, DONS NECESSÁRIOS À EDIFICAÇÃO DA IGREJA E À SUA MISSÃO .....	51
2.4.1 Todo o povo de Deus é carismático .....	51
2.4.2 Para uma missão universal, uma Igreja ‘toda ministerial’ .....	52
<b>3 A RESPONSABILIDADE DA COMUNIDADE ECLESIAL NA PROMOÇÃO DA MISSIONARIEDADE BATISMAL</b> .....	<b>57</b>
3.1 A IGREJA COMO MISTÉRIO .....	59
3.2 A IGREJA COMO POVO DE DEUS .....	60
3.3 OS DISCÍPULOS-MISSIONÁRIOS DO SENHOR .....	62
3.4 A COMUNIDADE ECLESIAL COMO ESPAÇO E AGENTE DA PROMOÇÃO MISSIONÁRIA .....	66
3.4.1 A Igreja como comunidade local .....	67

<b>3.4.2 A comunidade eclesial como casa: ambiente da formação missionária.....</b>	<b>70</b>
3.4.2.1 Igreja nas casas.....	72
3.4.2.2 Comunidade centrada na Palavra e na Eucaristia.....	73
<b>3.4.3 A comunidade eclesial como agente da formação missionária</b>	<b>75</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>77</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>81</b>

## INTRODUÇÃO

No vasto mundo da Teologia, ciência que busca adentrar os mistérios divinos e estudar todas as realidades em suas relações com Deus, têm lugar de singular importância os estudos da Igreja, comunidade dos discípulos de Jesus Cristo, e da missão que o próprio Senhor lhe confiou. Do estudo da Igreja e de sua missão ocupam-se a Eclesiologia e a Missiologia. Como sugere o tema, a responsabilidade da comunidade eclesial na promoção da missionariedade batismal, esta pesquisa está voltada para estas duas áreas do conhecimento teológico.

A abordagem deste assunto é motivada por uma série de fatores intrinsecamente conectados que resultam, neste mundo em mudança de época, no esvaziamento das comunidades eclesiais. Esse esvaziamento deve-se seja ao fenômeno da migração de fiéis para expressões religiosas que refletem o fenômeno da pentecostalização do cristianismo, que costuma oferecer pseudo soluções, sobretudo a problemas de saúde ou financeiros; seja ao fenômeno do indiferentismo secularista, que tem levado milhões de pessoas a prescindirem de Deus e da comunidade de seus filhos e filhas; ou seja, ainda, ao extremo individualismo resultante do relativismo e da ‘liquidez’ da cultura urbana, que leva à busca de ‘receitas religiosas’ particularizadas que proporcionem apaziguamento espiritual. Diante de tudo isso, cabe à comunidade eclesial e a cada um de seus membros viverem sua vocação e serem presença missionária que parte em direção de todos, para chamá-los e acolhê-los, sem distinção, oferecendo-lhes os meios pelos quais a Vida divina se difunde.

É diante dessa realidade que se aventa a seguinte hipótese: Não caberia à comunidade eclesial o protagonismo na promoção da missionariedade batismal de seus membros? O objetivo geral deste trabalho é, portanto, demonstrar o protagonismo da comunidade eclesial na promoção da missionariedade batismal de seus membros.

Para que se chegue à comprovação da hipótese, atingindo-se o objetivo geral, a pesquisa percorrerá um caminho de três etapas, cada uma delas correspondente a um capítulo.

O primeiro capítulo, intitulado ‘Desafios atuais da missão da Igreja’, tem como objetivo específico ‘abordar os atuais desafios que se apresentam à missão, particularmente na realidade catarinense’. Depois de argumentar quanto à imprescindível consideração atenta dos sinais dos tempos presentes, serão tratados os grandes desafios que se apresentam à missão da Igreja em âmbito universal: a mudança de época, a globalização, a realidade econômica, a ecologia integral e a realidade

eclesial. Por fim, se voltará à repercussão destes desafios na realidade catarinense, fortemente marcada pelo fenômeno da urbanização.

No segundo capítulo, ‘A missionariedade batismal’, o objetivo específico é ‘aprofundar o sentido e o alcance da missionariedade batismal’. Para isso, se partirá da pia batismal, que representa Jesus, a fonte da Água Viva. Desta fonte emana o Espírito Santo. Ele purifica; concede o dom da fé; comunica a vida divina, tornando filho e herdeiro; e introduz na Igreja. Destacar-se-á que, por meio do sacramento do batismo, a pessoa torna-se “filho no Filho” e é inserida na comunidade dos discípulos de Cristo, o que compromete o batizado com o desígnio salvífico de seu Pai e com a missão de Jesus Cristo, confiada à Igreja. O batismo será apresentado, então, como uma consagração à missão, de modo que a doação de si e a partilha dos carismas tornam-se constitutivos da vida cristã, já que o serviço gratuito é inerente à fé. Aponta-se, assim, para o fato de que não basta ser filho de Deus, sendo necessário viver como filho de Deus.

‘A reponsabilidade da comunidade eclesial na promoção da missionariedade batismal’ é o título do terceiro capítulo. Almeja-se, aqui, primeiramente, ‘explicitar a compreensão da comunidade eclesial e a sua finalidade missionária na perspectiva do Concílio Vaticano II’. Com este intento, serão abordados temas centrais da eclesiologia, como as noções eclesiais de ‘mistério’ e ‘povo de Deus’, enfatizando-se a dimensão comunitária da fé cristã e a necessária inserção da pessoa batizada na comunidade eclesial, como um verdadeiro discípulo. Destaca-se também o aspecto missionário da Igreja. Superando a autorreferencialidade, cada uma das comunidades eclesiais deve voltar-se para a sua finalidade, a missão, envolvendo nela todos os seus membros, pois não se é verdadeiro discípulo sem ser missionário.

Em seguida, se focará a questão principal a que este trabalho se propôs, o protagonismo da comunidade no despertar e na formação da missionariedade batismal de seus membros, apresentando-a como casa e escola, ou seja, como ambiente formativo e como agente da formação missionária.

Quanto à metodologia, em se tratando de um trabalho de natureza teológica, o primeiro a se considerar é que não se trata de mera especulação abstrata e dedutiva sobre verdades da fé, mas de uma pesquisa que procura iluminar situações concretas que envolvem a Igreja em sua missão cotidiana, particularmente no contexto catarinense. A metodologia será, portanto, indutiva. Começar-se-á com uma exposição do contexto no qual a Igreja está inserida, procurando-se, em seguida, iluminá-lo com os dados da fé, com o intento de chamar as comunidades

cristãs à superação de toda forma de autorreferencialidade, para que estejam totalmente voltadas à missão, para a qual existem, envolvendo na missão todos os batizados que as integram, cada um segundo os carismas recebidos e oferecendo-lhes o necessário para que despertem para a missão e para ela também se preparem.

Quanto aos procedimentos técnicos, foi utilizado o método bibliográfico de natureza básica, com consultas em documentos do magistério eclesial nos níveis universal, latino-americano, nacional e regional, e também em diversos livros e artigos de Ecclesiology e Missiology.



## 1 A REALIDADE DA MISSÃO E SEUS ATUAIS DESAFIOS

Este primeiro capítulo tem como objetivo abordar os atuais desafios que se apresentam à missão, particularmente na realidade catarinense. Serão abordados os grandes desafios relativos à missão da Igreja em âmbito universal, tendo como base os documentos magisteriais concernentes. Além disso, à luz do Plano Regional de Pastoral, será considerada a repercussão destes desafios na esfera regional, dando, assim, especial enfoque à realidade catarinense.

### 1.1 SINAIS DOS TEMPOS

A Igreja nasce da missão de Jesus e deve continuá-la. Essa “é exatamente toda a sua missão e a condição de evangelizar a que ela é, antes de mais nada, chamada a continuar”.<sup>1</sup>

O mandato que a Igreja recebeu de Jesus, de missionariamente anunciar o Seu Reino pelo mundo, foi ao longo dos tempos assumindo novas modalidades, segundo os novos rostos que a humanidade foi assumindo no desenrolar da História.<sup>2</sup>

A tarefa missionária continua sendo a mesma que os primeiros discípulos receberam de Jesus na montanha da Galileia, contudo a forma do anúncio do Evangelho tem se tornado cada vez mais complexa, pois a humanidade vive profundas mudanças, em todos os aspectos.<sup>3</sup>

Evangelizar e atualizar esta missão são, então, a tomada de consciência da missão que foi dada por Jesus à Igreja. Reavivá-la é recordar com ardor a vocação de toda a Igreja. A realização acontece à medida que são ouvidos os apelos de Deus, não fugindo do tempo e do espaço, pois é aí que a graça Dele acontece.<sup>4</sup> A missão da evangelização

---

<sup>1</sup> PAULO VI. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi***: sobre a evangelização do mundo contemporâneo. 10. ed. São Paulo: Loyola, 1982. p. 20; EN 15.

<sup>2</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Missão e Cooperação Missionária**: orientações para a animação missionária da Igreja no Brasil. Brasília: CNBB, 2016. p. 17; Est. 108, 5.

<sup>3</sup> CNBB, 2016, p. 17; Est. 108, 5.

<sup>4</sup> AGOSTINI, Nilo. **A missão Hoje**: consciência e desafios. Não paginado. Disponível em: <[http://www.niloagostini.com.br/artigos/2010/pdf/16\\_260510\\_social.pdf](http://www.niloagostini.com.br/artigos/2010/pdf/16_260510_social.pdf)>. Acesso em: 20 de maio de 2020.

“constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade”.<sup>5</sup>

Esta realização exige da Igreja uma revitalização contínua no Espírito. Dessa forma, estar atento às mudanças do tempo e do modo de evangelizar significam reconhecer a identidade de cada época e acolher o que o Espírito Santo apresenta, em diversos momentos históricos.<sup>6</sup>

A Igreja, que possui, diante dos ensinamentos de Jesus, a responsabilidade missionária, é, portanto, convidada a reconhecer os “sinais dos tempos”,<sup>7</sup> pois é no percurso da História que Deus vai se revelando.<sup>8</sup>

Os fariseus e os saduceus vieram até ele e pediram-lhe, para pô-lo à prova, que lhes mostrasse um sinal vindo do céu. Mas Jesus lhes respondeu: *Ao entardecer dizeis: Vai fazer bom tempo, porque o céu está avermelhado; e de manhã: Hoje teremos tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. O aspecto do céu, sabeis interpretar, mas os sinais dos tempos, não podeis.*<sup>9</sup>

O Papa Francisco apresenta, no primeiro escrito de seu pontificado, um método de ver a realidade iluminando-a, para que seja esclarecida segundo o projeto de Deus, tendo “uma capacidade sempre vigilante de estudar os sinais dos tempos”.<sup>10</sup>

Diante da realidade desafiadora do tempo atual, a Igreja deve estar especialmente em alerta frente ao mundo, que apresenta profundos sinais de transformação. Para tanto, o Documento de Aparecida fomenta todos os cristãos batizados, discípulos de Jesus, a discernirem estes sinais:

---

<sup>5</sup> PAULO VI, 1982, p. 19; EN 14.

<sup>6</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidade de comunidades**: uma nova paróquia. 2. ed. Brasília: CNBB, 2014. p. 19; Doc. 100, 9.

<sup>7</sup> Esta expressão, já presente no evangelho de Mateus (16,3), passou a ser revalorizada na Igreja, principalmente como o Papa João XXIII e o Concílio Vaticano II, especialmente nos documentos *Gaudium et Spes* (GS 4,11,44), *Presbyterorum Ordinis* (PO 9), *Unitatis Redintegratio* (UR 4) e *Apostolicam Actuositatem* (AA 14). (CNBB, 2014, p. 19; Doc. 100).

<sup>8</sup> CNBB, 2014, p. 19; Doc. 100, 9.

<sup>9</sup> A BÍBLIA SAGRADA. 3. ed. Brasília: CNBB, 2019; Mt 16,1-3.

<sup>10</sup> FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. São Paulo: CNBB 2013. p. 37; EG 51.

Como discípulos de Jesus Cristo, sentimo-nos desafiados a discernir os *sinais dos tempos*. À luz do Espírito Santo, para nos colocar a serviço do Reino, anunciado por Jesus, que veio para que todos tenham vida e *para que tenham em plenitude* (Jo 10,10).<sup>11</sup>

## 1.2 DESAFIOS ATUAIS À MISSÃO NA IGREJA

### 1.2.1 Mudança de época

Por meio de uma análise histórica é possível perceber que a sociedade vai se modificando com o passar do tempo, pois aquilo que possuía determinado valor em uma época, não tem o mesmo significado em outra. Converte com esta análise a chamada “mudança de época”,<sup>12</sup> Hoje, de fato, não se vive apenas mais uma época de mudanças, como a ocorrida nas décadas de 1960 e 1970.

A sociedade, as Igrejas e as instituições como um todo estão vivendo uma profunda mudança de época com transformações rápidas e radicais que atingem a cultura dos povos. Até poucas décadas atrás uma geração era definida pelo tempo e pela generatividade: num século contavam-se quatro gerações, uma a cada 25 anos. Hoje uma geração é definida a partir da mentalidade, da influência exercida pela cultura sobre os indivíduos e as massas e das tendências sociais sobre o comportamento humano. Calcula-se que a cada cinco anos haja uma profunda mudança e que uma geração hoje não passe desse período cronológico.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, Aparecida. **Documento de Aparecida**: Texto conclusivo. 10. ed. Brasília: CNBB, 2008. p. 27; DAp. 33.

<sup>12</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 32; DAp. 44.

<sup>13</sup> BIASIN, Francisco. Mudança de época: Diálogo ou polarizações. **CNBB Igreja Católica Apostólica Romana**, Brasília, 21 nov. 2017. Não paginado. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/mudanca-de-epoca-dialogo-ou-polarizacoes/>>. Acesso em 24 ago. 2020.

A mudança de época tem implicado, no ser humano, a ruptura relacional entre Deus e o mundo.

Aqui está precisamente o grande erro das tendências dominantes do último século... Quem exclui Deus de seu horizonte, falsifica o conceito da realidade e só pode terminar em caminhos equivocados e com receitas destrutivas.<sup>14</sup>

Nesse sentido, ainda que esteja ocorrendo uma mudança de época, que comporta a mudança dos costumes, o relacionamento com Deus e o aprendizado do caminho que Ele apresenta continua sendo de suma importância para compreender a realidade e nela atuar. Por isso, diante de mudanças tão radicais, o Papa Francisco lembra na sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*:

Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho.<sup>15</sup>

Com efeito, o projeto missionário de Jesus convida cada um a sair de si para ir ao encontro do outro, levando a Boa Nova e considerando realidade. A profunda transformação do contexto histórico e social que é vivenciado vem apresentando novos desafios que instigam a Igreja, por isso, continua o papa, convém recordar:

[...] o contexto em que temos de viver e agir. É habitual hoje falar-se de um *excesso de diagnóstico*, que nem sempre é acompanhado por propostas resolutivas e realmente aplicáveis. O que quero oferecer situa-se mais na linha de um discernimento evangélico. É o olhar do discípulo

---

<sup>14</sup> Discurso Inaugural de S.S. Bento XVI na V Conferência geral Do Episcopado Latino-Americano. (CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 32; DAP. 44).

<sup>15</sup> FRANCISCO, 2013, p. 19; EG 20.

missionário que *se nutre da luz e da força do Espírito Santo*.<sup>16</sup>

Nos últimos tempos, tem crescido cada vez mais a consciência de que o ardor missionário brota do seguimento a Jesus Cristo, que se inicia já no batismo, por obra do Espírito Santo. Esta consciência de ser missionário realiza-se em meio às provocações do nosso tempo.<sup>17</sup>

Sobretudo nesta mudança de época, é importante estar atento à complexidade da realidade na qual se está inserido, pois cada um que deseja viver a vocação para a qual foi chamado, precisa estar ciente do que está acontecendo a sua volta.<sup>18</sup>

### 1.2.2 A globalização

A mudança de época é caracterizada neste tempo pelo fenômeno da globalização, sobretudo com o avanço da ciência e da tecnologia, as mudanças genéticas, bem como o alcance da comunicação mundial.<sup>19</sup>

A globalização, que ocorre nos quatro cantos do mundo e afeta diretamente todos os seres humanos nos seus mais distintos costumes, possui o seu lado positivo:

A globalização trouxe inegáveis facilidades e possibilidades de melhoria nas condições de vida e nas relações humanas. As tecnologias oferecem novos domínios sobre os aspectos macro e micro da vida.<sup>20</sup>

Contudo, o modo como ela está organizada e a forma com que tem atingido toda a população não visa nada além do consumo e do mercado,

---

<sup>16</sup> FRANCISCO, 2013, p. 37; EG 50.

<sup>17</sup> AGOSTINI, 2010, não paginado.

<sup>18</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 28; DAp. 36.

<sup>19</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 27; DAp. 34.

<sup>20</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Cristãos leigos e leigas na sociedade**. Brasília: CNBB, 2016. p. 39; Doc. 105, 69.

deixando de lado valores importantes, como a dignidade e os direitos dos mais pobres.<sup>21</sup>

A visão cristã integral do ser humano detecta, em meio à grande eficiência da sociedade atual, *déficits* em relação aos direitos comuns das pessoas e dos povos, bem como em relação ao que permite cada um viver a verdadeira felicidade. Por isso, pode-se chamá-la de “globalização da indiferença”.<sup>22</sup>

Cabe à Igreja e aos seus pastores saber que este fenômeno afeta de certa forma a vida de toda a população, seja no sentido ético como no religioso. É preciso, deste modo, estabelecer um meio de ligação entre o conteúdo da evangelização e a linguagem por meio da qual as pessoas recebem o valor da Palavra.<sup>23</sup>

A globalização deve acontecer de maneira diferente. Que sua marca essencial seja a solidariedade, levando em conta aqueles que mais sofrem.<sup>24</sup>

Milhões de pessoas e famílias vivem na miséria e inclusive passam fome. Preocupam-nos também os dependentes das drogas, as pessoas com limitações físicas, os portadores e vítimas de enfermidades graves como a malária, a tuberculose e HIV-AIDS.<sup>25</sup>

Grande oportunidade de globalizar a solidariedade surgirá com o advento de uma vacina contra o novo corona vírus, causador da pandemia da Covid 19. Parece haver esforços consistes neste sentido, por parte, por exemplo, do Conselho Mundial de Saúde e da Igreja Católica. Confronta-se, assim, a tendência de prevalência daqueles que detêm os recursos financeiros sobre os mais vulneráveis.

Para a Igreja interagir com o mundo globalizado e criar um diálogo profícuo é necessária uma abertura de mentalidade na forma de pensar o ser Igreja. Para tanto, é preciso ser:

---

<sup>21</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 37; DAp. 61.

<sup>22</sup> CNBB, 2016, p. 39; Doc. 105, 70.

<sup>23</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 28; DAp. 35.

<sup>24</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 39; DAp. 64.

<sup>25</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 40; DAp. 65.

Comunidade que se abre permanentemente para as urgências do mundo e se renova em seus métodos e em sua estrutura, para que possa servir como testemunha e força que transforma o mundo na prática do amor. Comunidade inserida no mundo como testemunha e servidora do Reino de Deus.<sup>26</sup>

Essa mudança de mentalidade pressupõe que todos na Igreja sejam considerados “Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo”.<sup>27</sup> Essa perspectiva é essencial para que, na Igreja, todos cuidem e favoreçam o cuidado mútuo, e o cuidado de todos os seres humanos, valorizando e fortalecendo a dignidade da vida humana, pois “todos os homens são chamados a formar o novo povo de Deus”.<sup>28</sup>

A Igreja, por visar a edificação do Reino de Deus, está direcionada para frente, inculturando-se na história, agindo com paciência e misericórdia, sendo corajosa e mantendo a humildade. Isso faz com que ela perca o mundanismo no qual foi adentrando, supere sua autorreferencialidade e esteja aberta aos desafios do mundo.<sup>29</sup>

O mundo globalizado no qual todos estão inseridos inclui diferenças que prejudicam toda a sociedade, sejam elas sociais, econômicas, políticas, religiosas; além do fato de difundir o individualismo. Isso fortalece a: “inserção individual no mercado de ofertas”, “enfraquecimento nas relações de mutualidade”, “afirmação de identidades grupais”, “comportamento uniformizador, autoritário”, “a reinstitucionalização como caminho de afirmação de padrões” e “a pluralidade ética, cultural e religiosa”.<sup>30</sup>

---

<sup>26</sup> CNBB, 2016, p. 52; Doc. 105, 85.

<sup>27</sup> CNBB, 2016, p. 52; Doc. 105, 85.

<sup>28</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org.) **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 5 ed. São Paulo: Paulus, 1997. p. 101-197. p. cit. 119; LG 13.

<sup>29</sup> CNBB, 2016, p. 55; Doc. 105, 90.

<sup>30</sup> CNBB, 2016, p. 45-46; Doc. 105, 77.

### 1.2.3 Realidade econômica

A realidade social do mundo atual está cada vez mais precária. Há quem defenda que o crescimento econômico e a crescente evolução financeira promovam a inclusão dos menos favorecidos.

Esta opinião, porém, que diverge dos fatos reais, é sustentada por aqueles que possuem o poder econômico, dominam o sistema financeiro e valorizam um estilo de vida que fortalece a “globalização da indiferença”,<sup>31</sup> e uma falsa liberdade.

Na afirmação das liberdades individuais, o mercado ganha força e a pessoa existe enquanto consome. Dos luxuosos *shoppings centers* ao camelódromo da periferia, enfileiram-se multidões que buscam comprar a satisfação ou o sentido de sua individualidade.<sup>32</sup>

O resultado dessa busca gera frustração, pois aquilo que se busca não é algo que sustente e preencha, ao contrário, fortalece o desejo de sempre adquirir mais e mais. Esse problema adquire forças, porque a relação que as pessoas têm com o dinheiro é uma relação de domínio, já que o dinheiro tem causado influência de maneira direta na vida da sociedade.<sup>33</sup>

As grandes mídias falam da existência de uma crise financeira, porém, o que existe, na verdade, é uma crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano. Criamos novos ídolos, fortalecidos por desejos arrogantes, que maldizem a todos e reduzem o ser humano a uma necessidade, o consumismo.<sup>34</sup>

A economia que nos dias atuais é um dos grandes desafios à evangelização é, por vezes:

[...] assassina, excludente, fetichista, ditatorial, reducionista, desequilibrada, facilitadora da corrupção, consumista, elitista, geradora de

---

<sup>31</sup> FRANCISCO, 2013, p. 39; EG 54.

<sup>32</sup> CNBB, 2014, p. 21; Doc. 100, 15.

<sup>33</sup> FRANCISCO, 2013, p. 40; EG 55.

<sup>34</sup> FRANCISCO, 2013, p. 40; EG 55.

violência e conflitos sociais, assistencialista, facilitadora de acumulação e desigualdade.<sup>35</sup>

Os índices de pobreza e de miséria estão em processo contínuo de crescimento, pois o desfavorecimento do pequeno é a grande consequência do modelo econômico vigente. Num mundo injusto e desigual, o resultado são as buscas por outros meios, algumas vezes ilícitos, de conseguir o sustento, favorecendo o aumento da violência e dos crimes, como resposta à desigualdade.<sup>36</sup>

Conduzida por uma tendência que privilegia o lucro e estimula a concorrência, a globalização segue uma dinâmica de concentração de poder e de riqueza em mãos de poucos. Concentração não só de recursos físicos e monetários, mas sobretudo da informação e dos recursos humanos.<sup>37</sup>

Como sugere o próprio termo, “economia” é a arte de alcançar uma forma de assegurar e administrar a casa comum, de maneira que seja justa para todos, a fim de que todos possam ter o mesmo acesso; e não assegurando o direito e o valor da vida apenas para alguns. A economia tornou-se funcionária de poucos.<sup>38</sup>

Toda a concentração de rendas e riquezas que está sob o domínio financeiro repercute numa administração que visa o capital especulativo. Reflexo disso é a apuração dos lucros, pois não se pensa mais em algo produtivo a longo prazo, mas sim em um lucro imediato.<sup>39</sup>

Os grandes centros urbanos estão aumentando cada vez mais e este aumento não tem sido igualitário e proveitoso para todas as partes. De um lado, temos uma pequena parcela que ganha muito e se sobressai sobre os demais; de outro lado, temos a grande maioria que não tem nada, fruto de um crescimento desordenado. As paróquias que estão nesses meios

---

<sup>35</sup> SUESS, Paulo. **Dicionário da *Evangelii Gaudium***: 50 palavras-chave para uma leitura pastoral. São Paulo: Paulus, 2015. p. 60.

<sup>36</sup> CNBB, 2014, p. 22; Doc. 100, 16.

<sup>37</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 38; DAp. 62.

<sup>38</sup> SUESS, 2015, p. 59.

<sup>39</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 41; DAp. 69.

urbanos não possuem condições e não conseguem atender a população existente nesses locais.<sup>40</sup>

O grande aumento dos centros urbanos acontece também pelo fato das populações do campo não conseguirem obter o seu sustento digno. Por vezes não possuem o domínio da própria terra e seguem buscando novos rumos, fortalecidos pela esperança de encontrar alento na cidade.<sup>41</sup>

### 1.2.4 Ecologia integral: Amazônia e povos indígenas

É admirável o fato de o progresso científico ter correspondido a grandes demandas da população, sobretudo no que se refere à comunicação e à informação, coisas que seriam inimagináveis em tempos passados. É também digno de nota, o considerável crescimento da preocupação com a ecologia, assim como a consciência de pertença ao planeta e da integração existente entre todos os seres vivos.<sup>42</sup>

Não somente a Igreja Católica, mas também outras religiões têm crescido na preocupação e no discernimento diante da realidade ecológica.<sup>43</sup>

A América Latina possui a grande maioria da biodiversidade de todo o planeta, rica pela sua diversidade de culturas, povos e biomas. Porém, sendo o continente que mais possui riquezas naturais também é o que mais depreda, de um lado em função de um consumismo desenfreado e, de outro, desperdiçando diversos recursos.<sup>44</sup>

Papa Francisco é enfático no seu apelo:

O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. O Criador não nos abandona, nunca recua no seu

---

<sup>40</sup> CNBB, 2014, p. 22; Doc. 100, 17.

<sup>41</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 42; DAp. 72.

<sup>42</sup> CNBB, 2014, p. 22; Doc. 100, 11.

<sup>43</sup> FRANCISCO. **Carta Encíclica *Laudato Si'***: sobre o cuidado com a casa comum. Vaticano: 2015. p. 7; LS 7. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si\\_po.pdf](https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf)>. 23 jul. 2020.

<sup>44</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 46; DAp. 83.

projeto de amor, nem Se arrepende de nos ter criado. A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum.<sup>45</sup>

Cresce cada vez mais o desmatamento e a exploração da natureza, principalmente na região amazônica. Coisa que serve somente aos interesses econômicos de grandes corporações internacionais.<sup>46</sup>

É dever de toda a Igreja proteger a natureza, contribuindo para que a exploração não ganhe lugar. Esta proteção ao meio ambiente é uma dimensão da evangelização. “Cabe a todos nós sermos guardiões da obra de Deus. Os protagonistas do cuidado, da proteção e da defesa dos direitos da natureza”.<sup>47</sup>

Os povos indígenas constituem a população mais antiga do Continente e fazem parte da grande população que é marcada pela pobreza e pela exclusão.<sup>48</sup> Para a Igreja, defender a vida em todos os aspectos é essencial, por isso não pode calar-se, pois é um princípio evangélico: “‘Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância’”. (Jo 10,10b)<sup>49</sup>

Os povos indígenas e afros estão ameaçados em diversos aspectos, seja na sua existência física, cultural, e espiritual, assim como nos seus modos de vida; suas identidades, diversidade; territórios e projetos.<sup>50</sup>

Portanto, a Igreja deve, como um de seus desafios, manifestar ações que valorizem e protejam os direitos dos povos, fazendo, assim,

---

<sup>45</sup> FRANCISCO, 2015, p. 12; LS 13.

<sup>46</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 47; DAp. 86.

<sup>47</sup> ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, Vaticano. **Sínodo para a Amazônia**: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Brasília: CNBB, 2019. p. 48; Doc. 58, 74.

<sup>48</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 48; DAp. 89.

<sup>49</sup> ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, p. 48; Doc. 58, 57.

<sup>50</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 48; DAp. 90.

com que os Estados estejam juntos, com políticas responsáveis que garantam os direitos e a preservação da terra e dos costumes.<sup>51</sup>

A evangelização acontece também desse modo. Mas ao ir ao encontro de uma cultura, deve-se levar em conta a riqueza que ela já possui, procurando sempre fortalecer os elementos nela existentes, assim como as suas tradições religiosas.<sup>52</sup> Essas culturas exigem reconhecimento e oferecem valores que devem ser observados por tantos outros meios.<sup>53</sup>

### 1.2.5 Realidade eclesial

A experiência de fé nos dias atuais tem acontecido, cada vez mais, de forma não institucional, visando interesses pessoais e desconexos da comunidade eclesial. Isso tem surgido num contexto onde se prega a prosperidade e a cura, como soluções práticas imediatas para os problemas emergentes, como a saúde e o dinheiro.<sup>54</sup>

Acontece, por vezes, também na Igreja Católica, uma evangelização pouco ardorosa e sem o vigor dos novos métodos e linguagens. Dá-se muita ênfase a ritualismos inconvenientes e se descuidam de tantas tarefas pastorais, o que acaba reforçando uma espiritualidade individualista.<sup>55</sup>

Dentro do processo de iniciação também se percebe uma linguagem pouco significativa para a cultura atual, principalmente, para os jovens. Recordam-se também da falta de presbíteros, com um número tão aquém das necessidades, não é possível atender todas as regiões e comunidades. Além disso, muitos católicos secularizam-se, abandonando as atividades religiosas e tantos outros aderem a grupos eclesiais de inspiração pentecostal.<sup>56</sup>

O pluralismo religioso tem crescido acentuadamente nos últimos tempos, assim como cresceram os ataques à liberdade religiosa, surgindo

---

<sup>51</sup> ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, p. 37; Doc. 58, 50.

<sup>52</sup> FRANCISCO, 2013, p. 47; EG 68.

<sup>53</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 36; DAp. 57.

<sup>54</sup> CNBB, 2014, p. 14; Doc. 100, 23.

<sup>55</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 56; DAp. 100.

<sup>56</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 57; DAp. 100.

preconceitos e perseguições que, em certos lugares, deixam rastros de ódio e violência contra a fé cristã, frutos de pensamentos radicalizados, que não comportam uma verdade que não seja a sua. No seio da própria Igreja, essa radicalização torna difícil o diálogo e a construção de projetos comuns de evangelização.<sup>57</sup>

Estar no mundo significa levar em conta a possibilidade do diálogo com o diferente, inclusive com as outras denominações cristãs e religiões, partindo-se das necessidades que a realidade impõe. Cada vez mais é possível encontrar com pessoas de diferentes crenças, demonstrando assim o pluralismo religioso que existe no mundo, por isso a abertura ao diálogo ecumênico e inter-religioso é de grande valia para a evangelização.<sup>58</sup>

Devemos lembrar que somos peregrinos, e peregrinamos juntos. Para isso, devemos abrir o coração ao companheiro de estrada, sem medo e nem desconfianças, e olhar primeiramente para o que procuramos: a paz no rosto único de Deus. O abrir-se ao outro tem algo de artesanal, a paz é artesanal.<sup>59</sup>

É necessária e urgente uma caminhada ecumênica para a evangelização dos povos, visto que são preocupantes as grandes divisões entre os povos. Vale lembrar que é possível caminhar compartilhando formas de anunciar o evangelho, principalmente pelo serviço e testemunho, que demonstram quem realmente é Deus.<sup>60</sup>

Uma atitude de abertura na verdade e no amor deve caracterizar o diálogo com os crentes das religiões não cristãs, apesar dos vários obstáculos e dificuldades, de modo particular os fundamentalismos de ambos os lados. [...] o diálogo é necessário para a paz no mundo e, por conseguinte, é um dever para os cristãos e também para as outras comunidades.<sup>61</sup>

---

<sup>57</sup> FRANCISCO, 2013, p. 43; EG 61.

<sup>58</sup> CNBB, 2014, p. 124; Doc. 100, 298

<sup>59</sup> FRANCISCO, 2013, p. 140; EG 244.

<sup>60</sup> FRANCISCO, 2013, p. 141; EG 246.

<sup>61</sup> FRANCISCO, 2013, p. 142; EG 250.

A Igreja visa sempre o Reino de Deus e caminha num processo dentro da História sempre muito lúcida e misericordiosa, com coragem e humildade. Não fica estática diante das situações e eventos no mundo. Abrindo-se a desafios e saindo do isolamento e da autorreferencialidade, procura sempre escutar o grito dos que sofrem e estar atenta a todas as negações da vida.<sup>62</sup>

Encontram-se muitas deficiências na maneira como se faz o anúncio e o testemunho por parte de alguns membros, porém, cada vez mais cresce o esforço por sanar as necessidades dos mais pobres, promovendo a caridade e valorizando a dignidade da vida humana. Da mesma forma como tem alcançado diversos âmbitos, como os campos da saúde, economia solidária, educação e do trabalho.<sup>63</sup>

Ressalta-se a abnegada entrega de tantos missionários e missionárias que, até o dia de hoje, têm desenvolvido a valiosa obra evangelizadora e de promoção humana em todos os nossos povos, com multiplicidade de obras e serviços. Desse modo se reconhece o trabalho de numerosos sacerdotes, consagradas e consagrados, leigos e leigas que, a partir do nosso Continente, participam da missão *ad gentes*.<sup>64</sup>

No que tange o cuidado com a vida e a preservação de sua dignidade, a ligação da Igreja Católica com outras denominações e entidades civis pode fortalecer ainda mais este serviço. Por isso, a busca constante pela unidade e pela caridade vem a ser o ponto chave, para que a vivência missionária aconteça no mundo.<sup>65</sup>

### 1.3 A REPERCUSSÃO DOS DESAFIOS UNIVERSAIS NA IGREJA EM SANTA CATARINA

Diante de toda esta conjuntura marcada por diversos desafios, também em Santa Catarina a Igreja procura sempre estar atenta às

---

<sup>62</sup> CNBB, 2016, p. 55; Doc. 105, 90.

<sup>63</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 51; DAp. 98.

<sup>64</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 53; DAp. 98.

<sup>65</sup> CNBB, 2014, p. 125; Doc. 100, 300.

mudanças para, iluminada pela Palavra, construir caminhos de evangelização.

Hoje, um desafio que marca particularmente a missão da Igreja na realidade catarinense é o da urbanização da cultura. Como tem acontecido no mundo inteiro, o estado também tem se tornado cada vez mais urbano.<sup>66</sup> Esse desafio não se deve apenas à migração de grandes massas humanas para os grandes centros, no caso catarinense sobretudo para aqueles centros localizados na faixa litorânea, mas também à mentalidade e ao estilo de vida urbanos que têm alcançado os rincões mais distantes.<sup>67</sup>

Neste contexto urbano, o discípulo-missionário é chamado a alargar o horizonte de seu olhar para os mais diversos desafios ali presentes, como a pobreza, o desemprego, as condições precárias de trabalho, as moradias, os crimes ambientais, a falta de saneamento básico e a violência.<sup>68</sup>

Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco acena para alguns pontos relativos à questão urbana e destaca que é preciso “identificar a cidade a partir de um olhar contemplativo, isto é, um olhar de fé que descubra Deus, que habita nas casas, nas ruas e nas praças”.<sup>69</sup>

No espaço urbano, o elemento religioso é caracterizado por diversos estilos de vida muito próprios. As Igrejas locais precisam considerá-los, para que a fé sobreviva neste meio.<sup>70</sup>

Com a intensificação da cultura urbana, Santa Catarina sofre sempre mais com todos os desafios apontados anteriormente, porém, nem tudo são sombras, constata-se também luzes.<sup>71</sup>

---

<sup>66</sup> Urbano é um conceito cultural, globalmente disseminado. É um estilo de vida, um jeito de viver, com seus códigos, símbolos e linguagens. Portanto, ele não pode ser reduzido apenas a um conceito geográfico. É necessário ter clareza do que se trata uma cultura urbana, para entender os novos desafios. (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL Regional Sul IV. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja em Santa Catarina: 2020-2023.** Florianópolis: [s.n.], 2019. p. 25, 38.)

<sup>67</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023.** 2 ed. Brasília: CNBB, 2019. p. 27; Doc. 109, 28.

<sup>68</sup> CNBB, 2019, p. 28; Doc. 109, 30.

<sup>69</sup> FRANCISCO, 2013, p. 49; EG 72.

<sup>70</sup> FRANCISCO, 2013, p. 49; EG 72.

<sup>71</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Plano Regional Pastoral 2016-2019.** Florianópolis: [s.n.], 2015. p. 17, 9.

O estado catarinense é formado por 295 municípios, tendo um pouco mais de sete milhões de habitantes e, conforme os últimos dados, 84% desta população habita nas cidades, sobretudo nos grandes centros urbanos. As cidades mais populosas são: Joinville, Florianópolis, Blumenau, São José, Chapecó, Itajaí e Criciúma, as quais possuem mais de duzentos mil habitantes.<sup>72</sup>

Diante desta situação, é imprescindível pensar um novo modo de evangelizar neste meio urbano. Para tanto, é preciso “abandonar as estruturas ultrapassadas que já não favorecem mais a transmissão da fé”.<sup>73</sup>

A interferência que o meio urbano ocasiona afeta de maneira direta as dimensões da vida no âmbito familiar, no trabalho, na comunidade eclesial, os costumes, assim como o modo de pensar das pessoas que vivem neste meio. Percebe-se a facilidade no modo de comunicar-se, mas também as grandes barreiras que são construídas.<sup>74</sup>

Dentre as principais características desta cultura, as que mais têm impactado a ação evangelizadora da Igreja em Santa Catarina são: o dinamismo na vida das pessoas, com a necessidade de novidades, pois tudo muda muito rápido, com o bombardeio de informações em tempo real; o mosaico de disparidades sociais, culturais, econômicas e política, com uma justaposição de pessoas, grupos ou situações, porém desconexas e isoladas; a multidão anônima e solitária, formada por pessoas que, mesmo estando juntas, não se conhecem; a perda do sentido de identidade em meio a tantas ofertas e, ao mesmo tempo, a busca de um sentido, que faz com que a casa, o grupo e a pequena comunidade adquiram importância fundamental de construção de identidade.<sup>75</sup>

Quando se fala em evangelizar dentro deste contexto é preciso levar em conta de que não se trata apenas de levar o Evangelho ao meio urbano, a um mundo massificado. O fundamental é saber inculturar a

---

<sup>72</sup> CNBB, 2019, p. 25, 38.

<sup>73</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 168; DAp. 365.

<sup>74</sup> CNBB, 2019, p. 27, 43.

<sup>75</sup> CNBB, 2019, p. 27, 45.

Palavra, fazendo com que a força do Evangelho mude os critérios de julgar as diferentes expressões, que inspiram modelos de vida.<sup>76</sup>

Santa Catarina vive um momento de transição, de um modo de pensar tradicional para uma cultura moderna. Isso vem gerando impactos em diversas instâncias, assim como gerando impactos e conflitos nas relações culturais e religiosas.<sup>77</sup>

Destaca-se o aspecto da imigração presente no estado, principalmente de venezuelanos e de haitianos, que saem de suas nações em busca de condições melhores de vida. Santa Catarina está entre os estados que mais receberam imigrantes,<sup>78</sup> por conseguinte isso causa reflexos e impactos culturais.

Não se destaca somente a imigração, mas também os migrantes dentro do próprio estado, pois há uma grande porcentagem de jovens que abandonam suas cidades para procurar novas oportunidades nos grandes centros. Tudo isso são desafios preocupantes à ação evangelizadora:

Torna-se necessária uma evangelização que ilumine os novos modos de se relacionar com Deus, com os outros e com o ambiente, que suscite os valores fundamentais. É necessário chegar aonde são concebidas as novas histórias e paradigmas.<sup>79</sup>

Diante de todo este contexto que marca com desafios a Igreja no Brasil, inspirada pelo Magistério do Papa Francisco, assim como por iniciativas de igrejas particulares, volta-se o olhar para a realidade e procura-se iluminar estes fatos.

No Brasil, de forma particular em Santa Catarina, a cultura urbana se faz presente não apenas na cidade, mas também no campo. Este desafio, o principal da missão nos próximos anos, pode ser visto como negativo ou pode ser visto como uma grande oportunidade de renovação das estruturas e de novas iniciativas.<sup>80</sup>

Portanto, nos próximos anos, a pastoral urbana virá a ser o ponto central da ação evangelizadora da Igreja em Santa Catarina. Este tempo presente não é menos favorável que outros já vividos pela missão de

---

<sup>76</sup> PAULO VI, 1982, p. 28; EN 19.

<sup>77</sup> CNBB, 2019, p. 28, 48.

<sup>78</sup> CNBB, 2019, p. 39, 82.

<sup>79</sup> FRANCISCO, 2013, p. 50; EG 74.

<sup>80</sup> CNBB, 2019, p. 39, 83.

anunciar o Evangelho, porém pressupõe uma nova e autêntica dinâmica que compreenda as necessidades presentes.

Repensar as estruturas e os modos de evangelizar, a partir de uma conversão pastoral, ganha sentido somente se a Igreja se torna mais missionária, colocando-se, de maneira mais comunicativa, numa atitude de constante saída. É importante ter cuidado para não cair numa espécie de introversão eclesial.<sup>81</sup>

---

<sup>81</sup> FRANCISCO. **Carta do Papa Francisco:** por ocasião do centenário da promulgação da carta apostólica *Maximum Illud*. Brasília: CNBB, 2018. p. 38.

## 2 A MISSIONARIEDADE BATISMAL

Este capítulo tem como objetivo aprofundar o sentido e o alcance da missionariedade batismal. Para atingi-lo, será realizado um percurso que parte da pia batismal, lembrando que ela representa Jesus, a fonte da água viva, do Espírito Santo, que lava, purifica, e que comunica a vida divina.

Destacar-se-á que, por meio do banho batismal, a pessoa regenerada torna-se “filho no Filho” e é inserida no povo de Deus, a Igreja. Ao ser inserida na comunidade eclesial, a doação de si e a partilha dos carismas recebidos tornam-se seus compromissos, pois o serviço gratuito é inerente à fé. De fato, não basta ser filho de Deus, é preciso viver como filho de Deus. É por isso que o batismo é também uma consagração à missão.

A seguir, serão também destacadas as funções profética, real e sacerdotal conferidas pelo batismo. Os *tria munera ecclesiae* através dos quais todos os batizados engajam-se na missão confiada a todos.

Por fim, como todo o povo de Deus é carismático, serão enfocados os diversos carismas abundantemente distribuídos entre os batizados e necessários à missão. Os carismas visam seja a edificação da Igreja, seja o bem comum da humanidade.

### 2.1 A PIA BATISMAL COMO FONTE DA ÁGUA VIVA

Por meio do batismo, acontece a regeneração, o perdão dos pecados. “Regeneração pela água na palavra”. Então, “tornamo-nos membros de Cristo, somos incorporados à Igreja e feitos participantes de sua missão.”<sup>82</sup>

#### 2.1.1 Água que lava e purifica

A Igreja é criada e vive no Espírito “é um todo vivo que possui em si seu princípio de vida”.<sup>83</sup> Portanto, ao ser mergulhado na pia batismal,

---

<sup>82</sup> CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000, p. 296; CIC 1213.

<sup>83</sup> Cf. CONGAR, Yves. Je crois en la Sainte Église. In: **Sainte Église**. Paris: Cerf, 1963. p. 9-17 apud EING, Ademir. **O ministério presbiteral em uma Igreja toda ministerial no pensamento de Yves Congar**: a responsabilidade do presbítero na promoção da ministerialidade eclesial. 373 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020. p. 45.

que “simboliza o sepultamento na morte de Cristo”,<sup>84</sup> o sujeito é renovado no Espírito e se torna “filho da luz”.<sup>85</sup>

“Se alguém tem sede, venha a mim, e beba quem crê em mim. Conforme diz a Escritura: Do seu interior fluirão rios de água viva. Ele disse isso, falando do Espírito que haveriam de receber os que cressem nele”.<sup>86</sup> “O Espírito prometido foi enviado a todos os fiéis e age livremente em todos”.<sup>87</sup>

São Paulo nos lembra que: “Pelo batismo fomos sepultados juntamente com ele na morte, para que, como Cristo foi ressuscitado dos mortos por meio da glória do Pai, assim também nós caminhemos em uma vida nova”.<sup>88</sup>

O batismo é o sacramento que reveste cada um da Pessoa de Cristo. Pelo mergulho no Espírito Santo, dá-se o banho que purifica, santifica e justifica.<sup>89</sup> Desta forma, a purificação e o novo nascimento no Espírito são os efeitos principais do sacramento, visto que “o Espírito Santo é o primeiro criador, realizador e unificador do Corpo místico”,<sup>90</sup> que é a Igreja.

## 2.1.2 Água que comunica a vida divina

### 2.1.2.1A filiação divina

Tendo-se encontrado plenamente com o Pai, o Cristo morto e ressuscitado abriu à humanidade, a possibilidade de se encontrar com o seu Pai que passa a ser também nosso Pai. É o que acontece no batismo: “o novo batizado é agora filho de Deus no Filho único”.<sup>91</sup> Logo, quem recebe o batismo é assemelhado, configurado ao Cristo, por meio do

---

<sup>84</sup> CATECISMO..., 2000, p. 296; CIC 1214.

<sup>85</sup> Cf. 1TS 5,51.

<sup>86</sup> Jo, 37-39.

<sup>87</sup> Cf. CONGAR, Yves M. J. *Esquisses du Mystère de l'Église*. Paris: Cerf, 1953. p. 117-127. p. cit. 495 apud EING, 2020, p. 45.

<sup>88</sup> Romanos 6, 3-4.

<sup>89</sup> CATECISMO..., 2000, p. 299; CIC 1228.

<sup>90</sup> FAMEREE, Joseph. *L'ecclésiologie d'Yves Congar avant Vatican II, Histoire et Église*. Leuven: Peeters, 1992<sup>a</sup>. p. 31-38 apud EING, 2020, p. 46.

<sup>91</sup> CATECISMO..., 2000, p. 301; CIC 1243.

Espírito Santo enviado ao seu coração, de modo que possa clamar “Abba, Pai”.<sup>92</sup>

“Não sabeis que sois o santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?”.<sup>93</sup> Foi essa fé que levou Paulo a afirmar: “Já não sou eu quem vivo, mas é Cristo que vive em mim”.<sup>94</sup> O batismo é, portanto, o sacramento da fé. Fé entendida como assentimento intelectual, pois trata-se de saber que se é santuário de Deus. Fé entendida como adesão existencial, pois trata-se também de viver em Cristo.

O Concílio Ecumênico do Vaticano II, em seu intento de retorno às fontes bíblicas, reforçou a convicção de que todos os batizados são filhos de um mesmo Pai, inseridos numa comunidade e chamados à santidade.<sup>95</sup> A constituição *Sacrosanctum Concilium* assegura:

[...] pelo batismo os homens são inseridos no mistério pascal de Cristo: com ele mortos, sepultados e ressuscitados; recebem o espírito de adoção de filhos, no qual clamam: Abba, Pai (Rom 8,15).<sup>96</sup>

O batismo torna o ser humano filho do Pai, cuja filiação o torna membro de uma mesma família, da comunidade composta pelos discípulos e discípulas de Jesus. Essa oportunidade que Deus oferece de pertencer ao seu povo, e que inclui a tarefa de servir à humanidade, é o critério essencial que confronta a vida de todo cristão.<sup>97</sup>

“Tornados filhos de Deus pela regeneração, [os batizados] são obrigados a professar diante dos homens a fé que pela Igreja receberam e a participar da atividade apostólica e missionária do povo de Deus”.<sup>98</sup>

---

<sup>92</sup> GOEDERT, Valter. M. **Teologia do Batismo**: considerações teológico-pastorais sobre o batismo. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 58. cf. Gl 4,6.

<sup>93</sup> 1Cor 3,16.

<sup>94</sup> Gl 2,20.

<sup>95</sup> OLIVEIRA, José L. M. **Qual o sentido da vocação e da missão?** São Paulo: Paulus, 2006. p. 11.

<sup>96</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium*. In: COSTA, Lourenço (Org.) **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 5 ed. São Paulo: Paulus, 1997. p. 33- 86. p. cit. 36; SC 6.

<sup>97</sup> OLIVEIRA, 2006, p. 12.

<sup>98</sup> CATECISMO..., 2000, p. 307; CIC 1270.

### 2.1.2.2 A inserção no povo de Deus

Esta fé, no batismo recebida como dom, não pode prescindir da comunidade eclesial na qual o batizado foi inserido, da convivência cristã, marcada, sobretudo, pelo testemunho da Palavra de Deus. A fé, portanto, não é algo que cresça por si mesma, ela precisa do contato com a experiência de outros que testemunharam a Palavra, no passado, e continuam a testemunhá-la no presente.

Nossa fé é assegurada e ganha vitalidade pelo testemunho de muitos que sequer conhecemos. A fé cristã é indissociável da comunhão eclesial também porque é através do sacramento conferido pela Igreja, a comunidade detentora da fé, que somos justificados por ela.<sup>99</sup>

Portanto, a condição proporcionada ao batizado de ser “regenerado pela água e pelo Espírito” não lhe proporciona automaticamente a salvação. Essa pressupõe que ele se torne, no Povo de Deus e com ele, pelo testemunho da caridade, sacramento vivo da presença atuante de Cristo no mundo.<sup>100</sup>

A recepção do sacramento do batismo não atinge seu sentido se não houver a integração do batizado à comunidade de fé. Também neste sentido, este sacramento proporciona a entrada num “mistério”, pois a Igreja é o mistério detentor de todos os mistérios.<sup>101</sup>

A inserção no mistério pascal de Cristo, do qual emanam todos os mistérios cristãos, na sua vida e missão confiadas à Igreja tem, portanto, uma repercussão pessoal.<sup>102</sup> O batismo não envolve apenas um elemento místico, mas também histórico; não implica somente uma assimilação doutrinal, mas também um engajamento pessoal.

O batismo marca a entrada numa comunidade que é abastecida de sentido na comunhão com Deus, revelado na pessoa de Jesus Cristo<sup>103</sup>. Sem o encontro pessoal com Cristo não há vida cristã. Não se começa a

<sup>99</sup> TABORDA, Francisco. **Nas fontes da vida cristã**: Uma teologia do batismo – crisma. São Paulo: Loyola, 2001. p. 212.

<sup>100</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2001. **Manual de Liturgia III**: A celebração do mistério pascal, os sacramentos: sinais do mistério pascal. São Paulo: Paulus, 2005. p. 470.

<sup>101</sup> DE LUBAC, Henri. **Entretien autour de Vatican II**: souvenirs et réflexions. Paris: Cerf, 1985 apud FRAGA, Luiz F. **O mistério da Igreja na eclesiologia de Henri de Lubac**. 96 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Teologia, Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. p. 87.

<sup>102</sup> CELAM, 2005, p. 16.

<sup>103</sup> CELAM, 2005, p. 16.

viver como cristão por uma decisão ética ou por uma grande ideia, mas através do encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva.<sup>104</sup>

O batismo, ao ocasionar a pertença à comunidade cristã, incorpora o fiel a um corpo único, tornando-o participante da vida divina e impulsionando-o para a vivência da fé cristã. Pelo batismo, o Pai chama a sermos ouvintes do Filho, Palavra eterna que ressoou no tempo da humanidade; torna-nos filhos no seu Filho, incorporando-nos a Jesus Cristo e unindo-nos com o Espírito Santo para a missão.<sup>105</sup>

É o Espírito que nos faz membros do Corpo de Cristo (1Cor 12,13; Rm 8,2s), porém esse corpo não é do Espírito Santo, mas *de Cristo*. Ó grande, santa e apaixonante Igreja, que és inseparavelmente Corpo de Cristo e Templo do Espírito, Cidade construída sobre os apóstolos do Senhor e lugar onde age o Espírito ‘que falou por meio dos profetas.’<sup>106</sup>

A competência do fiel batizado de atuar como um membro vivo da Igreja, em todas as dimensões que lhe são próprias, faz dele sujeito ativo nos mais diversos campos da atividade eclesial.<sup>107</sup> Conforme a constituição dogmática *Lumen Gentium*, a definição do batizado incorporado à Igreja de Cristo é explícita neste sentido:

[...] os fiéis que, por haverem sido incorporados em Cristo pelo batismo e constituídos em povo de Deus, e por participarem a seu modo do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo, realizam na Igreja e no mundo e na parte que lhes compete, a missão de todo povo cristão.<sup>108</sup>

---

<sup>104</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 114; DAp. 243.

<sup>105</sup> OLIVEIRA, 2006. p. 14.

<sup>106</sup> CONGAR, Yves. **Je crois en l'Esprit Saint. Il est Seigneur et il donne la vie**. Paris: Cerf, 1980b. p. 268-269 apud EING, 2020, p. 110.

<sup>107</sup> BOROBIO, Dionisio. **A celebração na Igreja**: sacramentos. Vol. 2. São Paulo: Loyola, 1993. p. 116.

<sup>108</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 148; LG 31.

### 2.1.2.3 A herança eterna

O aspecto central a ser considerado no Sacramento do batismo é a sua relação com a Páscoa de Cristo. Pois no batismo se comemora e se realiza o Mistério Pascal, tornando o batizado partícipe da morte e ressurreição do Senhor.<sup>109</sup>

Um dos efeitos concretos do batismo na vida do fiel que é incorporado ao Mistério Pascal, é o novo sentido que sua vida adquire, em todo o seu transcurso e principalmente no momento de sua morte corporal. Já que este sacramento significa um enxerto na cruz de Cristo, com vistas à ressurreição, a vida do cristão cumpre seu destino quando ela se configura com a vida crucificada do próprio Jesus.<sup>110</sup>

Morrer em Cristo é a plenitude do batismo, pois é este o momento histórico em que se fundem a vida corporal e a realidade sacramental. “A teologia da morte é, de fato, teologia batismal, como a teologia batismal é a teologia da morte”.<sup>111</sup>

Durante muito tempo foi acentuada a dimensão escatológica deste sacramento, visto que era procurado apenas para garantir a salvação. Esqueceu-se que a salvação só é alcançada por meio da vivência e do comprometimento com Cristo e com a humanidade.<sup>112</sup>

Superou-se um entendimento de escatologia como algo reduzido às coisas últimas. A escatologia cristã é “a direção do movimento da história, aquilo que lança luz sobre todo o mistério da Igreja; algo que fermenta a ordem presente e que não pode ser realmente compreendido senão como o termo de seu movimento”.<sup>113</sup>

Não “como último capítulo de uma teologia estática, mas determinando o próprio sentido daquilo que se desenvolve na história”.<sup>114</sup> A Igreja, então, é um povo ainda a caminho, peregrinando para a realidade

---

<sup>109</sup> GOEDERT, 1987, p. 58.

<sup>110</sup> BOROPIO, 1993, p. 105.

<sup>111</sup> BOROPIO, 1993, p. 105.

<sup>112</sup> GOEDERT, Valter M. Batismo e Missão. **Encontros Teológicos**: revista do ITESC, Florianópolis, 1997. p. 36-42, 1997. p. 36.

<sup>113</sup> CONGAR, Yves. Bulletin de théologie dogmatique. **Revue des Sciences philosophiques et théologiques**, [s.n.], n. 33, 1949. p. cit. 463 apud EING, 2020, p. 35.

<sup>114</sup> CONGAR, Yves. **Situation et tâches présentes de la théologie**. Paris: Cerf, 1967. p. 86 apud EING, 2020, p. 97.

definitiva. “Ela visa o céu e fala dele, mas se ocupa do homem tal como esse é no mundo”.<sup>115</sup>

## 2.2 TODO DOM RECLAMA DOAÇÃO, TODO TALENTO MULTIPLICAÇÃO

A dimensão missionária, intrínseca ao batismo, pressupõe a inserção na comunidade eclesial. O batismo não possui sentido nenhum se não introduzir o cristão em uma comunidade, que é necessariamente missionária e na qual se vive e testemunha a fé, a fim de alcançar a vida plena.<sup>116</sup>

Entender o batismo enquanto sacramento de iniciação, como a introdução na vida em comunidade de fé, só é possível quando se expande a visão missionariamente, incluindo o mundo e, por conseguinte, o modo cristão de viver no mundo.<sup>117</sup>

Como cristãos e cristãs, é importante assumir uma postura corajosa diante da realidade atual. Isso exige refletir a realidade e aprofundar o significado da comum vocação cristã à missão. O batismo não pode continuar sendo visto como um mero costume.<sup>118</sup>

Pelo batismo, o cristão torna-se uma pessoa vocacionada, convidada pelo Pai a ser ouvinte e praticante da Palavra que, na plenitude do tempo, assumiu a nossa condição humana (Cf. Jo 1-14).<sup>119</sup>

Pela vontade do próprio Cristo, tanto o batismo quanto a Igreja são necessários à continuação, na história, da missão por Ele iniciada. Ele chamou discípulos para perto de si e, dentre eles, constituiu doze, para que estivessem sempre consigo e fossem enviados a pregar.<sup>120</sup>

Após a realização de todos os mistérios da salvação, Jesus, antes de subir aos céus, fundou a Igreja como sacramento de salvação. Enviou os Doze a todo o mundo assim como Ele fora enviado pelo próprio Pai,

---

<sup>115</sup> CONGAR, Yves. **Problemi e prospettive per la teologia dommatica**. Brescia: Queriniana, 1983a. p. 231-257. p. cit. 244 apud EING, 2020, p. 97.

<sup>116</sup> GOEDERT, 1997, p. 37.

<sup>117</sup> TABORDA, 2001, p. 211.

<sup>118</sup> OLIVEIRA, 2006, p. 24.

<sup>119</sup> OLIVEIRA, 2006, p. 24.

<sup>120</sup> Mc 3,13-19.

dando a eles o mandato: “Ide, portanto, e fazei com que todas as nações se tornem discípulas, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo o que vos ordenei”. (Mt 28,19-20).<sup>121</sup>

### 2.2.1 A partilha dos dons é inerente a fé cristã

Por meio do batismo recebido, o batizado tem o direito e o dever de participar da missão de Cristo e da Igreja, que é sua mãe. É também esse sacramento, o batismo, que constitui e fortalece a Igreja, mãe que gera seus filhos e, ao gerá-los, deles não se desfaz, mas é por eles fortalecida, edificando-se a si mesma.<sup>122</sup>

O batismo é, pois, um sacramento que inicia na vida cristã, uma vida que é missão. O cristão só pode expressar esse caráter missionário do batismo, com vistas à continuação da missão do Cristo, na comunidade de fé. Pois é na comunidade que a missionariedade é fortalecida, pela vida em comunhão, pela escuta da Palavra e pela celebração sacramental dos mistérios de Cristo.<sup>123</sup>

A missionariedade que o cristão recebe no sacramento primário está ligada à grande fonte da missão, da qual todos os batizados bebem e na qual são fortalecidos, que é a missão do Cristo e da Igreja.<sup>124</sup> A missão do Cristo confiada à Igreja: “Como o Pai me enviou, eu também vos envio”.<sup>125</sup>

Por sua condição cristã e a partir da comunhão eclesial, espera-se que o batizado se insira no apostolado, por meio do serviço profético, vivendo e anunciando a Palavra; do serviço sacerdotal, junto às celebrações litúrgicas; assim como do serviço da caridade, comprometendo-se com a causa do Reino, sobretudo, junto ao pequeno, ao frágil e lutando por uma sociedade mais justa.<sup>126</sup>

Ao pensar a evangelização, não se pode deixar de enfatizar um aspecto central da identidade do batizado, isto é, seu ser profético. Como

---

<sup>121</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Ad Gentes*. In: COSTA, Lourenço (Org.) **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 5 ed. São Paulo: Paulus, 1997. p. 432-489. p. cit. 438; AG 5.

<sup>122</sup> GOEDERT, 1997, p. 41.

<sup>123</sup> OÑATIBIA, Ignacio. **Batismo e Confirmação**: sacramentos de iniciação. Tradutor: José Afonso Beraldin. São Paulo, Paulinas, 2007. p. 259.

<sup>124</sup> OÑATIBIA, 2007, p. 259.

<sup>125</sup> Jo 20,21.

<sup>126</sup> OÑATIBIA, 2007, p. 259.

profeta, o cristão deve levar em conta o que foi dito e vivido na história e a continuidade de tudo isso na realidade presente.<sup>127</sup>

Além disso, um outro aspecto fundamental da missão do batizado é a caridade, principalmente quando dirigida aos mais pequenos e pobres. A posição do Cristo quanto aos irmãos mais pequeninos foi sempre muito clara, de modo a não restar dúvidas quanto a necessária opção preferencial dos cristãos pelos mesmos.

Deus os toma em sua defesa e os ama. Daí resulta que os primeiros destinatários da missão são os pobres, [...]. De fato, são as “obras de caridade” que dão testemunho da alma de toda a atividade missionária.<sup>128</sup>

### 2.2.2 A apostolicidade, uma nota eclesial e não apenas hierárquica

O mandato de Jesus inclui toda a Igreja, todos os seus discípulos,<sup>129</sup> pois toda a Igreja é por natureza missionária. É preciso, portanto, que se saiba que a Igreja “é enviada e que ela o é em virtude de sua natureza íntima, de sua ontologia sobrenatural”.<sup>130</sup> Mesmo sendo direcionado aos apóstolos, este envio é algo que diz respeito a toda a Igreja.<sup>131</sup> O decreto *Ad Gentes*, no primeiro capítulo, destaca que:

“Os Apóstolos, nos quais a Igreja foi fundada e inaugurada, representam ao mesmo tempo o início do novo Povo de Deus e aquele da hierarquia. Seu número simbólico, de Doze, significa que eles são, na nova e definitiva Disposição, o que foram os doze filhos de Jacó para a antiga: fato cheio de sentido para a própria noção de apostolicidade”.<sup>132</sup>

---

<sup>127</sup> PAULO VI, 1982, p. 41; EN 28.

<sup>128</sup> JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas, 1991. p. 97; RM 60.

<sup>129</sup> Cf. Mt 28,19-20.

<sup>130</sup> CONGAR, Yves. *Vaticano II: l'activité missionnaire de l'Église*. Paris: Cerf, 1967e. p. 185-221. p. cit. 195 apud EING, 2020, p. 112.

<sup>131</sup> CONGAR, Yves. *Mon Journal du Concile II*. Paris: Cerf, 2002b, p. 349 apud EING, 2020, p. 112.

<sup>132</sup> CONGAR, Yves. *L'Église dans le monde de ce temps: constitution pastorale Gaudium et Spes*. Paris: Cerf, 1967a. p. 185-221, p. cit. 195 apud EING, 2020, p. 112.

O que se refere aos Doze Apóstolos, refere-se a todos os batizados. A missão que receberam enquanto grupo cabe, portanto, a todos. Todos devem testemunhar o Evangelho em novos espaços, cumprir isto é “obediência ao mandamento (mandato) de Cristo e aos impulsos da graça e da caridade do Espírito Santo”.<sup>133</sup>

### 2.3 O BATISMO COMO CONSAGRAÇÃO À MISSÃO

Ao inserir no Mistério de Cristo e incorporar na Igreja, o batismo também consagra à missão de Cristo confiada à Igreja.

A Igreja continua o seu peregrinar entre as perseguições do mundo e as consolações de Deus, anunciando a paixão e morte do Senhor, até que ele venha (cf. 1Cor 11, 26). No poder do Senhor ressuscitado encontra a força para vencer, na paciência e na caridade, as próprias aflições e dificuldades, internas e exteriores, e para revelar ao mundo, com fidelidade, embora entre sombras, o mistério de Cristo, até que no fim dos tempos ele se manifeste.<sup>134</sup>

Como sacramento de iniciação, o batismo representa, antes de qualquer coisa, o meio decisivo para que, pela ação do Espírito, se entre em comunhão e unidade pela primeira vez com Cristo, sua vida e sua missão.<sup>135</sup> O mistério da vida de Cristo se expressa no ministério de sua missão. Por isso, o sentido profundo da efusão batismal do Espírito em nós, efusão que nos comunica a vida de Cristo - regeneração, fé, inserção eclesial, filiação divina e herança eterna - é sua finalidade missionária: ser, no Povo de Deus e com Ele, sacramento universal da salvação em Cristo, sinal e instrumento do Reino de Deus.

É o desejo da própria Igreja que todos os homens e mulheres consigam ter plena, consciente e ativa participação na missão de Cristo, por força e obrigação do batismo.<sup>136</sup> Assim, também nas funções

---

<sup>133</sup> CONGAR, 1967, p. 195 apud EING, 2020, p. 112.

<sup>134</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 112; LG 8.

<sup>135</sup> OÑATIBIA, 2007, p. 160.

<sup>136</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 41; SC 14.

messiânicas da Igreja, sendo os batizados protagonistas e agentes fieis dessas funções.<sup>137</sup>

O envio de Jesus, o Filho, é a origem da missão. Ele é o Cristo, o Ungido, “nome de função relativa aos três ofícios para os quais foi ungido.”<sup>138</sup> Com vistas à sua missão confiada à Igreja, Jesus também estende a toda a Igreja o seu tríplice múnus.

### 2.3.1 Função profética

A função da profecia da Igreja é equivalente ao magistério ou a função doutoral; “compreende toda a atividade nela suscitada pelo Espírito, pela qual ela conhece ou faz conhecer Deus e seu propósito de graça”.<sup>139</sup> Diz respeito a “tudo o que toca o ensino e o testemunho”.<sup>140</sup>

Todos os cristãos participam do profetismo de Cristo. Ele constituiu-os profetas, pois estão unidos a ele “pelo Espírito no qual tem inteligência e discernimento” para testemunhar a fé.<sup>141</sup> Como disse Jesus: “Se alguém me ama guardará minha palavra e meu Pai o amará e a ele viremos e nele estabeleceremos morada”.<sup>142</sup>

Todo o povo de Deus participa da função profética de Cristo, pelo sentido sobrenatural da fé (*sensus fidei*), fé que é de todo o povo. Todos aplicam-na à realidade existencial, tornando-se assim testemunhas de Cristo no meio do mundo.<sup>143</sup>

### 2.3.2 Função real

Por sua função régia, a Igreja tem uma responsabilidade pelo mundo, e exerce sobre ele uma realeza de influência e de serviço.

Esta realeza é exercida pelos cristãos como influência sobre o mundo de forma espiritual-concreta. Ou seja, se inserido concretamente nas estruturas do mundo, e não reinando sobre ele com poder e autoridade. A origem desta realeza é espiritual, e a consecução de sua finalidade

---

<sup>137</sup> OÑATIBIA, 2007, p. 259.

<sup>138</sup> CONGAR, Yves. **Jalons pour une théologie du laïc.** Paris: Cerf, 1953. p. 490 apud EING, 2020, p. 57

<sup>139</sup> CONGAR, 1953, p. 365 apud EING, 2020, p. 57.

<sup>140</sup> CONGAR, Yves. **Vraie et fausse réforme dans l'Église.** Paris: Cerf, 1950. p. 207 apud EING, 2020, p. 57.

<sup>141</sup> CONGAR, 1953, p. 371 apud EING, 2020, p. 57.

<sup>142</sup> Jo 14,23.

<sup>143</sup> CATECISMO..., 2000, p. 193; CIC 785.

também o é, pois, “em última instância, não pode vir senão do Espírito”.<sup>144</sup>

Jesus mostrou com seu exemplo, como a Igreja deve realizar seu serviço à humanidade. Ele foi servidor de todos, pois veio justamente para servir e dar a sua vida.<sup>145</sup> Cristo continua exercendo sua realeza atraindo para si todos os homens pela sua morte e Ressurreição.<sup>146</sup>

Para os cristãos a função régia acontece no serviço: “reinar é servir”.<sup>147</sup> É servindo aos mais necessitados, e vivendo conforme este chamado que a dignidade régia é fortalecida.<sup>148</sup>

### 2.3.3 Função sacerdotal

O sacerdócio é “a qualidade que permite apresentar-se diante de Deus para obter a sua graça e, portanto, sua comunhão, pela oferta de um sacrifício que lhe seja agradável”.<sup>149</sup>

“Cristo é sacerdote por sua própria existência de Filho de Deus e de verdadeiro homem, na unidade da pessoa do Verbo; é mediador entre Deus e os homens”.<sup>150</sup>

Todos os batizados formam um povo sacerdotal, pois partilham o sacerdócio comum a todos os fiéis. Ao adentrar no mistério de Cristo, o cristão passa a participar de toda a sua vida, morte e ressurreição.

Através do múnus sacerdotal, o cristão sai de si para ir ao encontro do totalmente Outro, levando-lhe a própria vida como um sacrifício agradável, desde que vivida segundo a sua vontade.<sup>151</sup> Por este múnus, na Eucaristia, visto que é o único sacrifício perfeito, aquele pelo qual o Cristo “se ofereceu uma vez por todas e nessa oferta incluiu-nos todos”,<sup>152</sup> o cristão une sua vida à oblação que Cristo faz de si, para que possa ascender ao Pai.

---

<sup>144</sup> FAMEREE, 1992, p. 206 apud EING, 2020, p. 46.

<sup>145</sup> Mt 20,28.

<sup>146</sup> CATECISMO..., 2000, p. 193; CIC 786.

<sup>147</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 154; LG 36.

<sup>148</sup> CATECISMO..., 2000, p. 19; CIC 786.

<sup>149</sup> CONGAR, Yves. **Sacerdoce et laïcité**. 2 ed. Paris: Cerf, 1965. p. 109-122, p. cit. 112 apud EING, 2020, p. 66.

<sup>150</sup> BOROBIÓ, 1993, p. 107.

<sup>151</sup> CATECISMO..., 2000, p. 193; CIC 784.

<sup>152</sup> CONGAR, Yves. Structure du sacerdote Chrétien. **Sainte Église**. Paris: Cerf, 1951. p. 239-273, p. cit. 270 apud EING, 2020, p. 66.

## 2.4 OS CARISMAS, DONS NECESSÁRIOS À EDIFICAÇÃO DA IGREJA E À SUA MISSÃO

### 2.4.1 Todo o povo de Deus é carismático

Todos os batizados compõem a Igreja. Ela é um corpo missionário, que possui uma tarefa apostólica.<sup>153</sup> Isto garante a todos o direito-dever ao engajamento apostólico. Todos estão unidos,

*no batismo* que nos faz membros do corpo místico, [...] na *caridade* que faz com que o outro realmente exista para nós, [...] na consagração e na graça da *confirmação* que nos faz militantes de Cristo [...], no *reconhecimento* e na gratidão ao Redentor, nos dons espirituais ou carismas recebidos e que são dados para a utilidade comum, nas *circunstâncias* que nos levam [...] a testemunhar aos outros. É por todas essas condições, aquelas da vida cristã pura e simples, que todo verdadeiro fiel é chamado ao apostolado: um apostolado [...] sem qualificação precisa e tão esparso e diverso quanto possível.<sup>154</sup>

Desta forma, o Espírito suscita em todo o Povo de Deus, carismas que podem ser ministeriais ou não. Visto que a Igreja que é Corpo de Cristo é construída através da participação dos fiéis e do dom exercido por eles.<sup>155</sup> “Todo povo de Deus sabe que lhe cabe construir a Igreja; os leigos contribuem com seus dons, seus carismas, a serviço de sua edificação.<sup>156</sup>

Além disso,

“leigos já eventualmente apóstolos à base de dons pessoais de seu batismo, de sua fé e de sua caridade, são chamados pela Igreja hierárquica a integrar sua ação num esforço orgânico que não é

---

<sup>153</sup> CONGAR, Yves. **Si vous êtes mes témoins**. Paris: Cerf, 1959, p. 93 apud EING, 2020, p. 53.

<sup>154</sup> CONGAR, 1953, p. 514-515 apud EING, 2020, p. 53.

<sup>155</sup> CONGAR, 1953, p. cit.170 -171 apud EING, 2020, p.

<sup>156</sup> CONGAR, Yves. **Je crois em IÉsprit Saint**: I1981b, p. 234 apud EING, 2020, p. 119.

mais apenas o desse ou daquele, mas o esforço da *própria Igreja*".<sup>157</sup>

O povo de Deus dentro daquilo que é específico de sua vocação, que é a busca da construção do Reino de Deus no mundo, não limita-se apenas à influência sobre as instituições e estruturas, mas também "exerce um apostolado pelo testemunho pessoal e direto e puramente espiritual e pode cumprir tarefas propriamente eclesiais".<sup>158</sup>

"Os leigos participam da dignidade à vida sacerdotal, real e profética que vem do Cristo à Igreja. É necessário acrescentar ainda: à sua dignidade apostólica que coloca em ação todo o precedente".<sup>159</sup>

#### 2.4.2 Para uma missão universal, uma Igreja 'toda ministerial'

O alcance da missionariedade batismal é universal, pois determinado pela necessidade de levar a verdade a todos os povos, de forma que todos possam alcançar a salvação, segundo o desígnio de Deus.

Portanto, é preciso que todos se convertam a Cristo, conhecido pela pregação da Igreja e que sejam incorporados, pelo batismo, a ele e à Igreja, seu corpo. O próprio Cristo, aliás, ao inculcar por palavras expressas a necessidade da fé e do batismo, confirmou também, por isso mesmo, a necessidade da Igreja, na qual os homens entram pelo batismo, que é como que a porta de entrada.<sup>160</sup>

Para que a missão alcance a abrangência que o envio comporta, todos os povos, é necessário redescobrir a missionariedade intrínseca ao batismo. Esta redescoberta tornará possível que todos aqueles que recebem o sacramento percebam que são chamados por Deus e por Ele enviados em missão.<sup>161</sup> Hoje, mais do que nunca, é necessário redescobrir e fortalecer a missionariedade de toda a Igreja, criando nas comunidades

---

<sup>157</sup> CONGAR, Yves. Une conclusion théologique à l'enquête sur les raisons actuelles de l'incroyance. *La vie intellectuelle*, [s.l.], n. 37, p. 214-249, 1935. p. cit. 513-514 apud EING, 2020, p. 53.

<sup>158</sup> FAMEREE, 1992, p. 204 apud EING, 2020, p. 55.

<sup>159</sup> CONGAR, Yves. *Ministères et communion ecclésiale*. Pris: Cerf, 1971. p. 14 apud EING, 2020, p. 119.

<sup>160</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 442; AG 7.

<sup>161</sup> OLIVEIRA, 2006, p. 21.

o conjunto harmonioso dos agentes dotados dos carismas e devidamente preparados para que sustentem a missão confiada à Igreja no tempo presente.

Todo batizado tem dentro de si o Espírito Santo, em vista da vida nova que deve vir a frutificar em boas obras.

O Espírito atesta que somos filhos de Deus (Rm 8,26), clama em nosso coração (Gl 4,6), ensina palavras de sabedoria divina (1Cor 2,13), penetra as profundezas de Deus (1Cor 2,10), suscita e distribui dons espirituais (Rm 8,5) em vista do testemunho cristão na Igreja e no mundo<sup>162</sup>.

Como afirma a carta encíclica *Redemptoris Missio*:

Não existe testemunho, sem testemunhas, como não há missão, sem missionários. Com a finalidade de colaborarem em sua missão e continuarem a sua obra salvífica, Jesus escolhe e envia pessoas como suas testemunhas e apóstolos. *Sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda Judeia e Samaria, e até os confins do mundo (At 1,8)*.<sup>163</sup>

Revestido pela graça o cristão assume uma tarefa, pela qual deve se empenhar em tornar novo aquilo que era velho e fazer florescer o que estava morto, pois tem a força recebida de Cristo. A Igreja exprime essa índole missionária ao enviar testemunhas ao mundo, distribuindo-lhes tarefas e funções, que vão para além do contexto eclesial.<sup>164</sup> Preparando, assim, para uma transformação não somente no meio religioso e de fé, mas também no mundo urbano e na sociedade em que está presente.

A missão de evangelizar de forma alguma acontece com atos individuais e isolados, mas totalmente ligados com toda a Igreja. Ela é um todo evangelizador e em cada parcela do mundo em que se encontra, sente-se responsável pela missão e pela difusão do Evangelho.<sup>165</sup>

---

<sup>162</sup> Anotações da aula de Eclesiologia, lecionadas pelo professor Dr. Ademir Eing.

<sup>163</sup> JOÃO PAULO II, 1991, p. 99; RM 61.

<sup>164</sup> GOEDERT, 1997, p. 41.

<sup>165</sup> PAULO VI, 1982, p. 89; EN 60.

A comunidade cristã tem na sua essência o não fechamento. Ou seja, trata-se de uma comunidade aberta para sentir e estar junto com o outro, na oração, na escuta da Palavra, no ensino dos Apóstolos, na caridade e na fração do pão. Isso ganha sentido quando é vivido como sinal que atrai outros e gera conversão, pois a Igreja toda recebe a missão de evangelizar, mas, sem a atividade de cada um, o Reino não acontece.<sup>166</sup>

A missão da Igreja não acontece de forma individual, porém depende do testemunho de cada fiel para que nela resplandeça Cristo, luz dos povos:

Nas celebrações litúrgicas, no seu testemunho diante dos juízes e dos carrascos e nos seus escritos apologéticos, os primeiros cristãos exprimiam a boa mente a sua fé profunda na Igreja e designavam-na como espalhada por todo o universo. É que eles tinham a consciência plena de fazer parte de uma grande comunidade que nem o espaço nem o tempo poderiam delimitar.<sup>167</sup>

Os primeiros cristãos deram seu exemplo e fortaleceram a Igreja no que era essencial. Essa experiência, no hoje da história da Igreja, torna-se novamente necessária. Atualizar as experiências antigas ao contexto presente e, assim como eles, não estar desconexo, mas ligado com o espírito de pertença a uma comunidade, pois comunhão e unidade são o que fortalecem a Igreja.

Dom Pedro Casaldaliga, que foi uma grande personalidade como bispo, missionário e cristão, comprometido com a causa da Igreja, diz:

Desejaria que todos e cada um de nós pudéssemos visitar, pelo menos em espírito, a própria pia batismal, mergulhar nela a cabeça e redescobrir a missionariedade do próprio batismo. Eu sou batizado? Então, devo ser missionário. Se eu não sou missionário, então não sou cristão.<sup>168</sup>

Esse discurso fortalece o propósito da Igreja de se colocar em saída, superando a acomodação e a autorreferencialidade. Despertar a

---

<sup>166</sup> PAULO VI, 1982, p. 20; EN 15, p.20.

<sup>167</sup> PAULO VI, 1982, p. 89; EN 61.

<sup>168</sup> OLIVEIRA, 2006, p. 22.

consciência de que a Igreja é missionária: uma tarefa urgente e imprescindível.

É necessário permanecer ligado a Cristo pelo Espírito. É isso que dá sentido e fortalece o batizado e o inspira e encoraja na missão:

Tal espiritualidade exprime-se, antes de mais nada, ao viver em plena docilidade ao Espírito, em deixar-se plasmar interiormente por ele, para se tornar cada vez mais semelhante a Cristo. Não se pode testemunhar Cristo sem espelhar a sua imagem que é gravada em nós por obra e por graça do Espírito. A docilidade ao Espírito permitirá acolher os dons da fortaleza e do discernimento, que são traços essenciais da espiritualidade missionária.<sup>169</sup>

Quem segue e ama a missão da Igreja é porque ama e segue os passos do Mestre; e quem o segue é chamado a ser luz, agindo como Cristo agiu, refletindo no dia-a-dia a luz de Cristo.<sup>170</sup>

E se uma pessoa consegue experimentar verdadeiramente o amor de Deus, não vai custar muito esforço para que passe a anunciá-lo aos outros; não pode e nem consegue ficar esperando alguém lhe dar instruções. Cada cristão é medido na sua missionariedade à medida que se encontrou com o amor de Deus e o anunciou a outros.<sup>171</sup>

Por isso, o verdadeiro chamado à missão se liga de maneira integral com o chamado à santidade. Essa deve ser vista como um pressuposto para que a missão aconteça de forma plena. A espiritualidade da missão seja o caminho de realização e de preenchimento do batizado, para alcançar a santidade.<sup>172</sup>

---

<sup>169</sup> JOÃO PAULO II, 1991, p. 135; RM 87.

<sup>170</sup> GOEDERT, 1997, p. 41.

<sup>171</sup> FRANCISCO, 2013, p. 75; EG 120.

<sup>172</sup> JOÃO PAULO II, 1991, p. 139; RM 90.



### 3 A RESPONSABILIDADE DA COMUNIDADE ECLESIAL NA PROMOÇÃO DA MISSIONARIEDADE BATISMAL

No decorrer deste capítulo, se explicitará a compreensão da comunidade eclesial e a sua finalidade missionária, na perspectiva do Concílio Vaticano II. Para tanto, serão abordadas as ideias centrais da eclesiologia conciliar: a Igreja como “mistério” e como “povo de Deus”.

Abordar-se-á a Igreja em sua dimensão comunitária, destacando a centralidade da Palavra e da Eucaristia e a Igreja nas casas. Por fim, se apresentará a relação do batizado com a comunidade eclesial à qual pertence, destacando o aspecto missionário desta pertença e a responsabilidade da comunidade na sua formação missionária.

O Concílio Vaticano II promoveu na Igreja uma reviravolta, transformando o modo de ver e de ser Igreja. Para os Padres conciliares, renovação é um “voltar às fontes” bíblicas e patrísticas.<sup>173</sup> Ao se situar num horizonte pastoral, o Concílio aponta na direção de uma Igreja aberta e dialogal, que encontra o seu sentido sendo uma presença missionária e evangelizadora.

A nova sensibilidade de João XXIII e a convocação do concílio dava a convicção geral de uma virada no seio da Igreja Católica. [...] o papa queria [um concílio] de cunho pastoral, [...] voltado para as novas exigências de presença e da missão evangelizadora da Igreja no seio do mundo moderno.<sup>174</sup>

Foi pensando em superar o eclesiocentrismo, o clericalismo e a romanização do Catolicismo tridentino, que se estabeleceu esta nova autocompreensão da Igreja. Pois ela não está sozinha, isolada, e sim interligada com o mundo moderno, em espírito de serviço e voltada em especial para os pobres.<sup>175</sup>

O Concílio não quis nenhuma nova igreja “esclarecida”; ele quis uma igreja espiritualmente renovada a partir do espírito do Evangelho pela via

---

<sup>173</sup> BRIGHENTI, Agenor. **Em que o Vaticano II mudou a Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 43.

<sup>174</sup> BRIGHENTI, 2016, p. 10.

<sup>175</sup> BRIGHENTI, 2016, p. 11.

da santificação e da Reforma. O Concílio não abandonou nenhum ponto da doutrina tradicional da igreja, mas a situou num horizonte pastoral, isto é, como ainda se demonstrará, num horizonte de compreensão trinitário; ele apontou o caminho que leva de uma identidade fechada e trancada em si mesma para uma identidade eclesial entendida como aberta, relacional e dialogal.<sup>176</sup>

A ideia de Igreja que norteou o pensamento do Concílio foi aquela de *communio*, que compôs o pano de fundo das imagens bíblicas utilizadas para descrever a essência da Igreja.<sup>177</sup> A noção de *communio* exprime a relacionalidade que caracteriza a Igreja. Esta perspectiva relacional indica que a identidade eclesial não é fechada em si mesma, mas, pelo contrário, é aberta a se comunicar tanto *ad intra* quanto *ad extra*.<sup>178</sup>

De fato, a noção de *communio* está expressa já nos objetivos da missão da Igreja, como estabelecidos pelo Concílio: “união íntima com Deus”, e “unidade de todo gênero humano”.<sup>179</sup> Ou seja, a comunhão com Deus em forma de filiação, a comunhão do gênero humano em forma de fraternidade.

A Igreja, portanto, é uma comunhão, sua missão consiste em expandir esta comunhão, ou seja, o Reino de Deus.

[...] a Igreja, enriquecida pelos dons do seu fundador e observando fielmente os seus preceitos de caridade, de humildade e de abnegação, recebe a missão de anunciar e instaurar em todas as gentes o reino de Cristo e de Deus, e constitui ela própria na terra o germe e o início deste reino.<sup>180</sup>

Por isso, Francisco afirma: “Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo”.<sup>181</sup>

---

<sup>176</sup> KASPER, Walter. **A Igreja Católica**: essência, realidade, missão. Trad. Nélcio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2012. p. 39.

<sup>177</sup> KASPER, 2012, p. 47.

<sup>178</sup> KASPER, 2012, p. 48.

<sup>179</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 102; LG 1.

<sup>180</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 105; LG7.

<sup>181</sup> FRANCISCO, 2013, p. 107; EG 176.

### 3.1 A IGREJA COMO MISTÉRIO

Na perspectiva do Concílio Vaticano II, a partir da Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, a Igreja é entendida como “mistério”. Lê-se assim: “Deus convocou todos aqueles que em Jesus vêem, com fé, o autor da salvação e o princípio da unidade e da paz, e com eles constituiu a Igreja, a fim de que ela seja, para todos e cada um, o sacramento visível desta unidade salvadora”.<sup>182</sup>

Ao consagrar a designação da Igreja como ‘sacramento universal da salvação’, o Concílio refere os dados clássicos do tratado sobre os sacramentos à história da salvação, como o faz Paulo na Carta aos Efésios com o termo grego *mysterion*. Traduzido para o latim como *sacramentum* e também como *mysterium*, o termo indica o desígnio salvífico de Deus referente à humanidade toda e a toda a sua história, e confere à noção de sacramento um valor dinâmico.<sup>183</sup>

A Igreja é uma única realidade, resultante da fusão de dois elementos: o humano e o divino, o visível e o invisível.<sup>184</sup> A dimensão humana se coloca a serviço da dimensão divina.

Pois, assim como a natureza assumida pelo Verbo divino lhe serve de órgão vivo de salvação, a ele indissoluvelmente unido, de modo semelhante a estrutura social da Igreja, serve ao Espírito de Cristo que a vivifica, para fazer progredir o seu corpo místico (cf. Ef 4,16).<sup>185</sup>

A comunidade eclesial é, então, um organismo vivo, cujo elemento humano é sustentado e animado pelo Espírito Santo, o elemento divino, a fim de que sirva a Cristo, único mediador, como sinal e instrumento da

---

<sup>182</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 114; LG 9.

<sup>183</sup> EING, 2020, p. 69.

<sup>184</sup> MOSER, Hilário. **Concílio Vaticano II: Você conhece? Síntese dos documentos conciliares.** São Paulo: Salesiana, 2006. p. 13.

<sup>185</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 110; LG 8.

mediação da Verdade e da Graça. O elemento humano, portanto, recebe do elemento divino, o Espírito Santo, sua energia e orientação.<sup>186</sup>

É por isso que não se pode falar da Igreja Mistério sem falar do Espírito Santo. Ele é co-instituinte da Igreja, por isso a Igreja é uma realidade não só humana, mas também divina. Nós somos o *sacramentum*, o Espírito Santo é a *res*. A Igreja é teândrica.<sup>187</sup>

Como aconteceu para Jesus, que quando se dirigiu às águas do Jordão disposto a cumprir o desígnio do Pai, recebeu o Espírito Santo, Dom de Deus, com vistas à missão, igualmente, desde Pentecostes, o “Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis, como num templo (cf. 1Cor 3,16; 6,19)”.<sup>188</sup>

Com efeito, é pela comunicação do Espírito que Cristo constitui conosco, seus irmãos, o corpo místico.<sup>189</sup> Ele, a cabeça, comunica aos membros de seu corpo, por meio dos sacramentos, especialmente do batismo e da eucaristia, a vida deste corpo, ou seja, o próprio Espírito Santo de Deus.

### 3.2 A IGREJA COMO POVO DE DEUS

Tanto a categoria de “mistério”, como a de “Povo de Deus”,<sup>190</sup> são essenciais para entender a intenção da mudança eclesiológica do Concílio.

---

<sup>186</sup> Anotações da aula de Eclesiologia, lecionadas pelo professor Dr. Ademir Eing sobre a *Lumen Gentium*.

<sup>187</sup> Anotações da aula de Eclesiologia, lecionadas pelo professor Dr. Ademir Eing sobre a *Lumen Gentium* 8.

<sup>188</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 104; LG 4.

<sup>189</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 107; LG 7.

<sup>190</sup> O concílio, todavia, quis a noção de Corpo Místico como um atributo da Igreja ao lado de outros e não como sua definição. Essa imagem pode induzir a certa homogeneidade entre a cabeça e os demais membros do corpo. Foi exatamente para evitar isso que se preferiu a noção de Povo de Deus, essa acolhe melhor os aspectos de apelo, de pecado, de conversão, de grito lançado em direção à misericórdia e à ajuda de Deus. (EING, 2020, p. 95). Congar assegura que foi “sem prejuízo à ideia de Corpo de Cristo, [que] o Vaticano II deu ênfase à noção de ‘Povo de Deus’ ao falar de Igreja”. Efetivamente, “‘Corpo de Cristo’ é de tal modo importante que um número especial lhe é consagrado (7)”. Essa categoria seria mais apta a exprimir o conceito de sacramento da salvação, quanto evitaria o perigo “duma impressão que se queira atribuir à Igreja certa autonomia salvífica em relação a Cristo”. Tratando-se de uma imagem ministerialmente muito rica, a *Lumen Gentium* ao abordá-la afirma que é o Cristo “que distribui no corpo, para seu crescimento, ministérios e serviços. Os ministérios não são reduzidos às

O segundo capítulo da *Lumen Gentium*, porém, que trata especificamente do povo, mostrou-se mais decisivo.<sup>191</sup> É decisivo pelo fato que não é apenas uma expressão a mais para compreender a realidade eclesial, mas sim um ponto de partida que favorece toda a compreensão da Igreja.<sup>192</sup>

Portanto a Igreja, novo Israel, povo da nova e eterna aliança, caracteriza-se por ter como cabeça não mais Moisés, mas o próprio Cristo. Por ter como condição a dignidade dos filhos de Deus, em que mora o próprio Espírito e tem como Lei o novo mandamento: “Amai-vos como eu vos amei!”. Para tanto, o Reino de Deus, que foi iniciado em Cristo, está num contínuo desenvolvimento, até que seja consumado no fim da História.<sup>193</sup>

O conceito “Povo de Deus” é colocado em primeiro plano para demonstrar a essência da Igreja, essência esta que remete à base, à comunidade.<sup>194</sup>

‘Povo de Deus’, é uma expressão ‘usada *junto com outras denominações* para indicar a Igreja’, e em sua intenção profunda sublinha tanto o caráter de ‘mistério’, quanto de ‘sujeito histórico’ da realidade eclesial, onde os aspectos estão em íntima correlação, de modo que ‘o mistério constitui o sujeito histórico, e o sujeito histórico revela o mistério’.<sup>195</sup>

Este sujeito está em constante peregrinar pela terra, envolvido pelas tribulações e desafios que a história apresenta.<sup>196</sup> Essa categoria “sugere mais diretamente a continuidade com o povo de Israel, a aliança com um Deus que se revela em meio a acontecimentos históricos, que conduz seu povo num processo de ‘aprender a aprender’”.<sup>197</sup>

---

funções instituídas ou hierarquias”. (CONGAR, Yves. **Le Concile de Vatican II. Son église peuple de Dieu et corps du Christ**. Paris: Beauchesne, 1984a. p. 133 apud EING, 2020, p. 94).

<sup>191</sup> VELASCO, 1996, p. 243.

<sup>192</sup> VELASCO, 1996, p. 250.

<sup>193</sup> Anotações da aula de Eclesiologia, lecionadas pelo professor Dr. Ademir Eing sobre a *Lumen Gentium* 9.

<sup>194</sup> KASPER, 2012, p. 167.

<sup>195</sup> VELASCO, 1996, p. 242.

<sup>196</sup> VELASCO, 1996, p. 251.

<sup>197</sup> VELASCO, 1996, p. 253.

A Igreja é enfocada como Povo de Deus, em continuidade com o povo escolhido do Antigo Testamento, Israel. Essa definição de Igreja é muito importante porque evita restringir a tarefa profética, real e sacerdotal da Igreja somente ao papa, aos bispos e a padres. Dessa definição deduz-se também a profunda igualdade entre os cristãos.<sup>198</sup>

Apresentar esta definição da Igreja não é algo tão inovador e original, pois já está na tradição antiga, como se pode perceber na liturgia medieval: a igreja como *populus* e como *família Dei*. Por isso, não se trata de uma inovação, mas um rememorar, haja vista que está assentada na tradição da Igreja.<sup>199</sup>

### 3.3 OS DISCÍPULOS-MISSIONÁRIOS DO SENHOR

A compreensão eclesial do Concílio Vaticano II valoriza todos os batizados. Anteriormente, a grande massa dos cristãos não ordenados sequer era considerada no âmbito da eclesiologia, era vista como separada e distante do clero. Agora, todos os cristãos são considerados membros da Igreja e não são mais vistos como inferiores, mas com a mesma dignidade cristã, assegurada pelo sacramento do batismo.<sup>200</sup>

Por meio do batismo o ser humano é incorporado à comunidade eclesial e passa a constituir o povo de Deus/corpo de Cristo, que é a Igreja, sacramento de salvação.<sup>201</sup> Esta incorporação à Igreja é uma dimensão fundamental do batismo. Tendo recebido o Espírito de Cristo, o fiel é inserido em um organismo vivo, no qual dispõe de todos os meios de salvação, e ao qual se integra com vista a exercer sua parte na missão.<sup>202</sup>

Ao fiel é proporcionada a possibilidade de ser membro da Igreja, de pertencer a um corpo, que é o Corpo de Cristo. Entretanto, cada batizado deve fortalecer dentro de si esta consciência de pertença: “cada fiel tenha sempre viva a consciência de ser um membro da Igreja, a quem

---

<sup>198</sup> MOSER, 2006, p. 13.

<sup>199</sup> KASPER, 2012, p.167.

<sup>200</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 104; LG 4.

<sup>201</sup> HORTAL, Jesús. **Os Sacramentos da Igreja na sua Dimensão Canônico-Pastoral**. 6 ed. São Paulo: 2015. p. 56.

<sup>202</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997. p. 101-197. p. cit. 121, LG, 14.

foi confiada uma tarefa original, insubstituível e indelegável, que ele deve levar a cabo para o bem de todos”.<sup>203</sup>

Como consequência desta dimensão comunitária o batizado está implicado na missão da Igreja, pois no batismo foi consagrado ao profetismo, à realeza e ao sacerdócio comum dos fiéis.<sup>204</sup>

Os batizados são consagrados como casa espiritual e sacerdócio santo, pela regeneração e pela unção do Espírito Santo, para que por meio de todas as obras do homem cristão, ofereçam sacrifícios e anunciem as maravilhas daquele que os chamou das trevas à sua luz admirável (Cf. 1Pd 2,4-10).<sup>205</sup>

O sacramento ao mesmo tempo que capacita, também conduz a pessoa ao serviço, sendo esse o desejo da mãe-Igreja, isto é, que todo fiel tenha sempre a consciência da participação ativa dentro dela, sendo esse, por força do batismo, um direito e uma obrigação.<sup>206</sup> O fiel não é um sujeito meramente passivo, mas tem o dever de contribuir com a missão de Cristo e da Igreja.

Por meio do batismo o ser humano, recriado e incorporado à Igreja de Cristo, é constituído uma nova pessoa com seus direitos e com seus deveres relativos à missão eclesial.<sup>207</sup> Desta forma, o batizado é uma pessoa que livremente aceita ou rejeita esta condição de pertença. Caso tenha sido batizado antes de poder acolher livremente o Dom de Deus, ele é chamado a uma consciente confirmação do mesmo. Essa condição de membro da Igreja, conferida pelo batismo, é produto do Dom de Deus. Sendo assim, a pessoa se torna sacramento de edificação da Igreja.<sup>208</sup>

Após o Concílio, a Igreja é, portanto, novamente entendida como a comunidade dos batizados. Nesta, os ministros ordenados presidem uma assembleia profética, sacerdotal e regia.<sup>209</sup> Portanto, “todos os batizados,

---

<sup>203</sup> JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Christifidelis Laici*. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 73; CL 28.

<sup>204</sup> HORTAL, 2015, p. 56.

<sup>205</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 115; LG 10.

<sup>206</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 41; SC 14.

<sup>207</sup> BOROBIÓ, 1993, p. 116.

<sup>208</sup> BOROBIÓ, 1993, p. 116.

<sup>209</sup> BRIGHENTI, 2016, p. 31.

enquanto membros do único povo de Deus e do único corpo de Cristo participam do ministério sacerdotal, profético e régio de Cristo”.<sup>210</sup>

Todos são vistos como sujeitos corresponsáveis pela Igreja e por sua missão, já que há uma ministerialidade fundamental resultante da consagração batismal de todos à missão.<sup>211</sup> Esta integração de todos os batizados na *Ecclesia* e a valorização dos mesmos na missão eclesial constituiu uma virada proporcionada pelo Concílio. Este movimento possibilitou a solidificação de argumentos que fazem com que o leigo tenha o seu lugar e não continue considerado como um cristão de segunda categoria.<sup>212</sup>

“Igreja em ‘chave de missão’ significa estar a serviço do Reino, inculturada na realidade histórica, inserida na sociedade, encarnada na vida do povo”.<sup>213</sup> Inserida e encarnada, sobretudo, através da presença dos batizados em todos os setores nos quais a vida humana se desenrola.

Por isso, o Vaticano II entende os leigos como aqueles fiéis que “por haverem sido incorporados em Cristo pelo batismo e constituídos em povo de Deus, e por participarem a seu modo do *múnus* sacerdotal, profético e real de Cristo, realizam na Igreja e no mundo, na parte que lhes compete, a missão de todo o povo cristão”. Segundo o texto conciliar, embora possam servir à missão tanto na Igreja, quanto no mundo, “a índole secular é própria e peculiar dos leigos”, pois é a eles e a elas que “compete, por vocação própria, buscar o reino de Deus, ocupando-se das coisas temporais e ordenando-as segundo Deus”.<sup>214</sup>

O Concílio não tinha propriamente a intenção de elaborar um enunciado definindo o leigo, “mas dar uma descrição da missão desses indivíduos. [...] Por isso, o Concílio diz de modo muito preciso que o caráter secular é ‘próprio e peculiar’ dos leigos, mas não exclusivo deles. A interpenetração do mundo é atribuição da igreja toda”.<sup>215</sup>

Desta forma, o leigo não é apenas caracterizado como pertencente à Igreja, mas ele é Igreja e, como tal, existe para a missão.<sup>216</sup> Tudo em virtude do batismo que o transformou em nova criatura, cuja identidade é incindível da missão.

<sup>210</sup> KASPER, 2012, p. 264.

<sup>211</sup> BRIGHENTI, 2016, p. 32.

<sup>212</sup> CNBB, 2016, p. 23; Doc. 105, 17.

<sup>213</sup> CNBB, 2016, p. 90; Doc. 105, 170.

<sup>214</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 148; LG 31.

<sup>215</sup> KASPER, 2012, p. 269.

<sup>216</sup> KASPER, 2012, p. 272.

“O cristão leigo, como sujeito no mundo, é chamado a agir de forma consciente, responsável, autônoma e livre. Age como sujeito histórico e discípulo missionário”.<sup>217</sup> Ele é chamado a ser protagonista, que significa “ocupar o primeiro lugar em um acontecimento, isto é, ser o agente principal. Quer dizer que o leigo tem o papel principal na nova evangelização”.<sup>218</sup>

Que todos os leigos sejam protagonistas da nova evangelização, da promoção humana e da cultura cristã. É necessária a constante promoção do laicato, livre de todo clericalismo e sem redução ao intereclesial. Que os batizados não evangelizados sejam os principais destinatários da nova evangelização. Esta só será efetivamente levada a cabo, se os leigos, conscientes de seu Batismo, responderem ao chamado de Cristo a que se convertam em protagonistas da nova evangelização.<sup>219</sup>

Não se pode, contudo, dividir a missão do leigo e do clero, voltando a um dualismo hoje inadmissível. Ao dizer que a missão do leigo está no mundo e a do clero na Igreja incorre-se em erro, visto que, como todos são batizados, todos possuem a responsabilidade na missão em ambos os lugares, sendo sal, sendo luz e fermento na massa. É preciso, pois, preservar “a unidade da missão na diversidade do serviço”.<sup>220</sup>

Vós sois o sal da terra, se o sal perder o sabor, com o que será salgado? [...] Vós sois a luz do mundo [...]. Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que estás nos céus.<sup>221</sup>

---

<sup>217</sup> CNBB, 2016, p. 37; Doc. 105, 66.

<sup>218</sup> HACKMANN, Geraldo L. B. A amada Igreja de Jesus Cristo: manual de Eclesiologia como comunhão orgânica. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2013. p. 224.

<sup>219</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, IV, 1992, Santo Domingo. **Conclusões de Santo Domingo**. São Paulo: Loyola, 1992. p. 105; Santo Domingo 97.

<sup>220</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 372; AA 2.

<sup>221</sup> Mt 5,13-14.16.

O sacramento da ordem não é um título que sustenta uma posição superior, por isso o ordenado não ganha dispensa de, além de ser um bom cristão, ser também um bom cidadão.<sup>222</sup> Contudo, mesmo tendo passado tanto tempo do término do Concílio ainda não há em muitas dioceses e paróquias conselhos e assembleias que garantam voz e vez aos leigos.<sup>223</sup>

A Igreja, para o cumprimento de sua missão, conta com a diversidade de ministérios. Ao lado dos ministérios hierárquicos, a Igreja reconhece o lugar dos ministérios desprovidos de ordem sagrada. Portanto, também os leigos podem sentir-se chamados ou ser chamados a colaborar com seus pastores no serviço à comunidade eclesial, para o crescimento e vida da mesma, exercendo ministérios diversos, conforme a graça e os carismas que o Senhor aprover conceder-lhes.<sup>224</sup>

Formar os leigos, garantindo que sejam sujeitos eclesiais para o “amadurecimento contínuo da consciência, da liberdade e da capacidade de exercer o discipulado e a missão no mundo, deve ser um compromisso e uma paixão da comunidade eclesial”.<sup>225</sup>

#### 3.4 A COMUNIDADE ECLESIAL COMO ESPAÇO E AGENTE DA PROMOÇÃO MISSIONÁRIA

A comunidade de todos os que creem na ressurreição de Jesus não é apenas um acessório. Ao ressuscitar Jesus, o Pai conferiu ao seu povo, o povo de Deus, uma condição absolutamente nova, aquela de corpo do Ressuscitado e de templo do Espírito. Foi assim que a Trindade originou a Igreja. Essa é uma comunidade suscitada pelo Espírito Santo, que nela habita constantemente e dela é constitutivo. Ao proclamar a ressurreição do seu Senhor, o querigma, a Igreja oferece o imprescindível testemunho

---

<sup>222</sup> BRIGHENTI, 2016, p. 33.

<sup>223</sup> BRIGHENTI, 2016, p. 34.

<sup>224</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, III, 1979, Puebla. **Conclusões da Conferência de Puebla:** evangelização no presente e no futuro da América Latina. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1979. p. 253; Puebla 804.

<sup>225</sup> CNBB, 2016, p. 114; Doc. 105, 229.

de que o Ressuscitado é o Crucificado, testemunho sem o qual a ressurreição não teria sentido.<sup>226</sup>

A experiência pascal supõe uma revolução na questão de Deus e na questão de Jesus: uma revolução *teológica* e *cristológica*. Mas supõe também uma revolução na questão do grupo de discípulos como tal: uma revolução *eclesiológica*, em que acontece a própria origem da Igreja.<sup>227</sup>

A comunidade cristã é essencialmente missionária. O mesmo Espírito que arrancou Jesus do sepulcro, arrancou os discípulos do cenáculo para que anunciassem ao mundo o Cristo morto e ressuscitado, fazendo discípulos todos os povos.<sup>228</sup> O batismo não tem sentido se não introduz o fiel em uma comunidade missionária, a qual por sua missão será testemunha da fé, a fim de alcançar a vida plena.<sup>229</sup> É na existência dessas testemunhas que a ressurreição de Jesus permanece; é por meio de quem acolhe este testemunho, nas comunidades de fé, que a mensagem se transmite ininterruptamente de geração em geração.<sup>230</sup>

A dimensão eclesial do batismo ressalta sempre que este sacramento deve ser compreendido em seu caráter comunitário, em relação àquela comunidade local à qual todo batizado está referido.<sup>231</sup>

### 3.4.1 A Igreja como comunidade local

Um dos pontos que o Vaticano II resgatou refere-se ao aspecto da Igreja enquanto comunidade, a exemplo da Santíssima Trindade, e não mais como um modelo caduco de uma Igreja-massa.<sup>232</sup> Ou pior ainda, entendendo-se a Igreja como o clero, situando-o numa posição

---

<sup>226</sup> TABORDA, Francisco. **Sacramentos, práxis e festa**. 5 ed. São Paulo: Paulus, 2019. p. 165.

<sup>227</sup> VELASCO, 1996, p. 47.

<sup>228</sup> TABORDA, 2001, p. 213

<sup>229</sup> GOEDERT, 1997, p. 47.

<sup>230</sup> TABORDA, 2019, p. 166.

<sup>231</sup> GOERDERT, 1987, p. 61.

<sup>232</sup> BRIGHENTI, 2016, p. 43.

demiúrgica entre Deus e a massa dos batizados, que sequer são considerados Igreja<sup>233</sup>. “A Igreja é comunidade no amor”<sup>234</sup>.

Ela é chamada a tornar-se cada vez mais na prática aquilo que já é na sua essência: comunidade missionária. Comunidade que reflete na terra o amor e a comunhão das pessoas da Santíssima Trindade”<sup>235</sup>.

Outra grande virada apresentada pelo Concílio a respeito da Igreja “consiste em passar ‘da gravitação da Igreja local em torno da Igreja universal para a consideração da Igreja local como o centro de gravitação’”<sup>236</sup>.

Isto se refere à comunidade local, não mais vista apenas como parte da Igreja universal, mas como a Igreja de Deus por inteiro, que vive e acontece num lugar determinado.<sup>237</sup>

A concepção fundamental da Igreja, que resulta da consideração da Igreja em seu conjunto, é legítima, e certamente não pode ser abandonada. Mas claro não é a única concepção possível, já que na constituição conciliar está presente, sem dúvida, a outra perspectiva, a que vê a Igreja, antes de mais nada, na e a partir da comunidade local.<sup>238</sup>

Para que seja efetiva a ideia de renovação da Igreja como comunidade, faz-se necessário renovar a paróquia e a compreensão do ministério ordenado:

[...] o múnus de Pastor não se limita ao cuidado singular dos fiéis, mas estende-se propriamente à formação da genuína comunidade cristã. Para que seja cultivado devidamente o espírito da comunidade, deverá abraçar não só a Igreja local,

---

<sup>233</sup> EING, 2020, p. 329.

<sup>234</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 84; DAp. 161.

<sup>235</sup> CNBB, 2016, p. 90; Doc. 105, 171.

<sup>236</sup> VELASCO, 1996, p. 261.

<sup>237</sup> VELASCO, 1996, p. 262.

<sup>238</sup> VELASCO, 1996, p.262.

mas também a Igreja inteira. A comunidade local, porém, não deve favorecer só o cuidado pelos seus fiéis, mas também imbuída de zelo missionário, deve preparar a todos o caminho para Cristo”.<sup>239</sup>

Compreender a Igreja como “Povo de Deus, quebrou com o preconceito de uma Igreja clero-leigos, para uma Igreja comunidade-ministérios”.<sup>240</sup>

A Igreja é comunidade congregada daqueles que, crendo, voltam seu olhar a Jesus, autor da salvação e princípio da unidade e da paz, a fim de que ela seja para todos e para cada um o sacramento visível desta salvadora unidade.<sup>241</sup>

“As pequenas comunidades, os setores da paróquia, os grupos bíblicos de reflexão, as redes de comunidades, as assembleias pastorais, os conselhos, os movimentos [...], são formas concretas de comunhão e de participação”.<sup>242</sup>

Nestas comunidades ressalta-se a verdadeira realidade do que é ser Igreja, pois se ultrapassa a visão ideológica que compreende a Igreja apenas como organização social. Valoriza-se algo concretamente experienciado e constitutivo de sua identidade: a pequena comunidade é lugar do encontro.<sup>243</sup>

São Paulo, em suas cartas, denota uma compreensão da Igreja como realidade constituída de pequenas comunidades locais:

Para ele, a Igreja é antes de tudo a comunidade local: a comunidade de Corinto, por exemplo é “Igreja de Deus que está em Corinto” (1 Cor 1,2; 2 Cor 1,1), e as comunidades da região da Judéia são “as Igrejas de Deus em Cristo Jesus que estão na Judéia” (1Ts 2,14).<sup>244</sup>

---

<sup>239</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Decreto *Presbiterorum Ordinis*. In: COSTA, Lourenço (Org.) **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 5 ed. São Paulo: Paulus, 1997. p. 491-538. p. cit. 504; PO 6.

<sup>240</sup> BRIGHENTI, 2016, p. 43.

<sup>241</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 114; LG 9.

<sup>242</sup> CNBB, 2016, p. 78; Doc. 105, 139.

<sup>243</sup> VELASCO, 1996, p. 263.

<sup>244</sup> VELASCO, 1996, p. 55.

Com tudo isso, tanto Aparecida como as outras conferências episcopais discutiram muito sobre como fazer da paróquia uma “comunidade de comunidades”.<sup>245</sup>

A conversão pastoral de uma paróquia consiste em ampliar a formação de pequenas comunidades de discípulos e discípulas convertidos pela Palavra de Deus, fortalecidos pelos sacramentos, particularmente a Eucaristia, e conscientes da urgência de viver em estado permanente de missão.<sup>246</sup>

### **3.4.2 A comunidade eclesial como casa: ambiente da formação missionária**

A comunidade é casa de acolhida: “[...] lugar do olhar, do abraço e do afeto”.<sup>247</sup> Da mesma forma como a vida humana é gerada em uma família, na comunidade cristã, é pela fonte batismal que são gerados novos filhos: “O banho batismal é a maneira de expressar o início de uma nova identidade”,<sup>248</sup> esta identidade filial, de pertença a uma comunidade.

A Igreja, que inicia no grande mistério de Cristo com vistas ao seu seguimento, é comunidade, isto é, Igreja formada por pessoas concretas, que se reúnem periodicamente, aos domingos, em casa (Jo 20,19.26), na casa da família de Deus, a comunidade. Nesta experiência de encontro, a fé é fortalecida pela escuta da Palavra e pela celebração dos sacramentos.<sup>249</sup>

Em Pentecostes, diante da pergunta: “Irmãos, que devemos fazer?” Pedro responde à multidão com a instituição de um itinerário que deveriam per fazer: “converter-se, fazer-se batizar, receber o dom do Espírito” (At 2,37-38). Pedro também fez referência à comunidade eclesial: “assim estareis na mesma situação que nós, formando a comunidade de salvos”.<sup>250</sup> De fato, logo abaixo se lê: “Aqueles, pois, que acolheram a sua palavra, fizeram-se batizar. E acrescentaram-se a eles, naquele dia, cerca de três mil pessoas” (At 2,41). Fecundada pelo Espírito

---

<sup>245</sup> BRIGHENTI, 2016, p. 44.

<sup>246</sup> CNBB, 2014, p. 17; Doc. 100, 8.

<sup>247</sup> CNBB, 2019, p. 72; 134.

<sup>248</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários.** Brasília: CNBB, 2017. p. 51; Doc. 107 98.

<sup>249</sup> TABORDA, 2001, p.221.

<sup>250</sup> BOROBIO, 1993, p. 111.

Santo, a comunidade gera os filhos e filhas de Deus ao testemunhar e anunciar a Palavra da fé e os faz nascer na pia batismal.

O batismo nunca é um ato privado entre Cristo e o catecúmeno; é sempre celebração da Igreja. A salvação de Cristo chega até o homem com a mediação da Igreja. É no batismo que a Igreja mostra mais claramente sua maternidade, sua função mediadora, dando à luz novos filhos e acrescentando-os como novos membros de seu corpo.<sup>251</sup>

A Igreja enquanto comunidade de batizados “iniciados” possui uma tarefa imprescindível no processo de iniciação. É a Igreja que *acolhe e introduz* as pessoas no mistério de Cristo e que, posteriormente, proporciona a *descoberta das riquezas deste mistério*. Da mesma forma que esta iniciação acontece na Igreja se dá também pela Igreja e para a Igreja.<sup>252</sup> ‘Para a Igreja’ no sentido de edificá-la, a fim de que seja um sacramento apto à construção do Reino de Deus.

A experiência e a vivência da fé como encontro com o Ressuscitado constituem o ponto fulcral para compreender o sentido da comunidade cristã, visto que ao se falar de experiência de fé, trata-se justamente do contato com mistério de Deus que acontece na experiência de comunidade.<sup>253</sup> Sendo Deus o Mistério, toda fé individual, fruto da experiência individual, deve ser remetida à fé dos outros membros, caso contrário corre-se o risco de conceber erroneamente o Mistério:

Quem por princípio excluísse abrir a sua fé à fé dos outros estaria negando a Deus como mistério. A abertura à fé dos outros possibilita captar o mistério de Deus e deixar que ele se vá manifestando em toda a sua riqueza. Entre todos, em comunidade, se vai elaborando a concepção de Deus que se aproxime assintonicamente de sua realidade.<sup>254</sup>

A dimensão eclesial é essencial para o sentido da fé, por isso, ao falar do aspecto eclesiológico da fé, compreende-se mais amplamente a expressão “crer na Igreja”, presente nos símbolos da fé. Esse crer “na”

---

<sup>251</sup> OÑATIBIA, 2007, p. 162.

<sup>252</sup> CELAM, 2005, p. 16.

<sup>253</sup> TABORDA, 2001, p. 214.

<sup>254</sup> TABORDA, 2001, p. 214.

remete ao crer “em Igreja”, sendo Igreja, constituindo-a, visto que a Igreja é instrumento da mediação salvífica (embora não o único) e depositária de todos os meios dispostos por Cristo para a salvação, dentre os quais destacam-se a Palavra, os Sacramentos e os Ministérios apostólicos.

Ao se tratar do mistério de Deus, a mediadora por excelência da presença de Deus é, portanto, a Comunidade de fé. É isso, de fato o que disse o Senhor: *“onde dois ou mais estiverem reunidos em meu nome, eu estarei no meio deles”*.<sup>255</sup>

### 3.4.2.1 Igreja nas casas

No início do Cristianismo as primeiras comunidades eram marcadas pela vivência comum, com vistas à vida e à obra de Jesus. “Eles eram perseverantes no ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações”.<sup>256</sup> Na diáspora, sobretudo, devido às perseguições do Império, surgiu a *‘domus ecclesiae’*, casa de família que servia como lugar de encontro e de culto para aqueles que constituíam as comunidades cristãs que eram, normalmente, pequenas.

Este modelo de Igreja foi, certamente, decisivo para que, tivéssemos, neste tempo, “um Cristianismo da mais alta qualidade. [...] A prática da caridade por parte dessas pequenas comunidades causava admiração até ao imperador”.<sup>257</sup> A comunidade se torna, assim, lugar do testemunho da solicitude cristã.

Necessitamos, portanto, de comunidade que ajudem na abertura para o outro, que superem a superficialidade de relações mecanicistas, fundadas no fazer coisas. O fazer terá sustentabilidade na afeição, no bem-querer, no desejo de estar juntos e de partilhar a vida, inspirando-nos na vivência fraterna e solidária das primeiras comunidades.<sup>258</sup>

---

<sup>255</sup> Anotações da aula de Eclesiologia, lecionadas pelo professor Dr. Ademar Eing sobre a Eclesiologia do Concílio Vaticano II a partir das quatro notas da Igreja.

<sup>256</sup> Atos 2,42.

<sup>257</sup> BRIGHENTI, 2016, p. 45.

<sup>258</sup> CNBB, 2019, p. 72; Doc. 109, 136.

Hoje, ao se falar de comunidades eclesiais missionárias, a intenção é cultivar uma Igreja não mais voltada apenas à sacramentalização, mas que se empenhe numa evangelização integral.

A imagem da casa expressa um lugar de proximidade entre as pessoas, proximidade relacional:

Essa casa é a comunidade eclesial missionária. Suas portas estão continuamente abertas para o duplo movimento permanente, entrar e sair. São portas que acolhem os que chegam para partilhar suas alegrias e sanar suas dores. Estão igualmente abertas para sair em missão, anunciando Jesus Cristo e o seu Reino”.<sup>259</sup>

Uma Igreja que entenda o sacramento não apenas como o início da caminhada de fé, mas também como ponto de chegada, visto que nas comunidades primitivas havia um processo de evangelização antes de se conferir o batismo a adultos.<sup>260</sup>

### 3.4.2.2 Comunidade centrada na Palavra e na Eucaristia

A Igreja é suscitada e orientada pelo anúncio da Palavra da fé e alimentada e fortalecida com a Eucaristia que nutre a caridade. “[...] Cristo, o crucificado e ressuscitado, se faz presente com a sua palavra, acontecendo assim, sempre de novo, a Igreja”.<sup>261</sup> Entretanto, a Igreja local é fortalecida e realizada na celebração da Eucaristia:

Nela [comunidade eclesial] acontecem as duas coisas mais substanciais, constitutivas da Igreja: a pregação do evangelho e a celebração da ceia do Senhor. Mas para que isto seja verdade, é preciso redescobrir constantemente algo tão frequente e esquecido em nossas celebrações: sua força constitutiva da comunidade como verdadeiro corpo de Cristo, porque “a participação do corpo e do sangue de Cristo não faz outra coisa senão que passemos a ser aquilo que recebemos”. Se a comunidade “faz” a eucaristia, é para que a

---

<sup>259</sup> CNBB, 2019, p. 17; Doc. 109, 7.

<sup>260</sup> BRIGHENTI, 2016, p. 68.

<sup>261</sup> VELASCO, 1996, p. 263.

eucaristia “faça” a comunidade a partir de suas experiências fundantes.<sup>262</sup>

Por isso, todo o empenho deve ser empreendido para possibilitar às comunidades, para que se tornem realmente eclesiais e missionárias, a participação regular e frequente no sacramento da Eucaristia. Como, porém, devido à escassez de presbíteros, a participação frequente nem sempre se faz possível, urge a instituição e acurada preparação de outros ministros, diáconos ou ministros da palavra, para que o povo de Deus não fique privado de suas fontes vitais, justamente a Palavra e a Eucaristia.

As experiências fundantes foram marcadas pela Palavra, por isso ao revigorar a Igreja da América Latina no âmbito da Palavra, no seu conhecimento, vivência e aprofundamento, evidencia-se o caráter missionário da comunidade. Isso é possível por meio da leitura e meditação da Palavra de Deus.<sup>263</sup> “Do contrário, como vão anunciar uma mensagem cujo conteúdo e espírito não conhecem profundamente? É preciso fundamentar nosso compromisso missionário e toda nossa vida na Palavra de Deus”.<sup>264</sup>

Com efeito, é pela palavra de salvação que é suscitada no coração dos infiéis e alimentada no coração dos fiéis a fé, mercê da qual tem início e se desenvolve a assembleia dos fiéis, segundo aquele dito do Apostolo: “pois a fé vem da pregação e a pregação é pela palavra de Cristo”. (Rm 10, 17).<sup>265</sup>

Os verdadeiros participantes e membros das comunidades eclesiais serão autênticos discípulos missionários se cultivarem o contato com a Palavra e anunciarem a proposta de Jesus aos demais.<sup>266</sup>

‘Desconhecimento das Escrituras é desconhecimento de Cristo’, de boa vontade

---

<sup>262</sup> VELASCO, 1996, p. 263.

<sup>263</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 115; DAp. 247.

<sup>264</sup> BENTO XVI. Discurso Inaugural da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, 13/05/2007, in CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, p. 115; DAp. 247.

<sup>265</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1997, p. 498; PO 4.

<sup>266</sup> BRIGHENTI, 2016, p. 69.

tomem contato com o próprio texto, quer através da sagrada liturgia, rica de palavras divinas, quer pela leitura espiritual, quer por meio de cursos apropriados e outros meios que nos tempos atuais vão se espalhando tão louvavelmente por toda a parte. [...] a oração deve acompanhar a leitura da Sagrada Escritura, para que haja colóquio entre Deus e o homem.<sup>267</sup>

A Igreja é comunidade eclesial, santa e fortalecida pela Palavra, e tem como missão pregar o evangelho, principalmente neste tempo que exige uma nova evangelização, fortalecida pela alegria e disposição de anunciar o Reino.<sup>268</sup>

### 3.4.3 A comunidade eclesial como agente da formação missionária

A vida segundo a fé batismal só pode acontecer em uma comunidade eclesial que, sendo missionária, propaga, com o testemunho e com o anúncio da Palavra, a maior novidade: Cristo ressuscitado.<sup>269</sup>

Ser iniciado na fé cristã por meio do sacramento introduz a pessoa na vivência comunitária, formando uma comunidade que não pode ser dividida. Pois, além de iniciar novos membros, a comunidade deve primar pelo testemunho da unidade na diversidade de seus membros. Desta forma considera o anseio humano de comunhão e a aspiração cristã de unidade na fé entre todos os que são batizados.<sup>270</sup>

A Igreja é, portanto, o espaço no qual o discípulo faz a experiência do encontro com Jesus que lhe fortalece na fé e o engaja organicamente na missão. “A comunidade eclesial é chamada a ser iniciadora por excelência, pois seu estilo de vida deve testemunhar, de forma eloquente, o amor de Deus pelas pessoas indo sempre ao seu encontro”.<sup>271</sup>

Contudo, além do testemunho, a comunidade eclesial deve esmerar-se para proporcionar o ensino dos elementos básicos da fé às suas

---

<sup>267</sup> CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Dei Verbum*. In: COSTA, Lourenço (Org.) **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 5 ed. São Paulo: Paulus, 1997. p. 347-367. p. cit. 366; DV 25.

<sup>268</sup> CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, IV, 1992. p. 82; Santo Domingo 33.

<sup>269</sup> TABORDA, 2001, p. 211.

<sup>270</sup> TABORDA, 2001, p. 224.

<sup>271</sup> CNBB, 2019, p. 53; Doc. 109, 89.

crianças, adolescentes e a todos quantos dela se aproximarem, trata-se da didascalía, uma de suas imprescindíveis funções. Isto através de um processo catequético renovado em seus conteúdos e métodos, ou seja, que tenha em conta os desafios acima mencionados, que se apresentam à Igreja em missão nos tempos atuais.

Diante de tais desafios e instruída pelas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora (DGAE 2019-2023), da qual surgiu o Programa Missionário Nacional (PMN 2019-2023), a comunidade eclesial, para ser fiel à sua função de despertar seus membros para a missão e prepará-los para o exercício da própria missionariedade batismal, tem ainda outros importantes empenhos aos quais não pode furtar-se.

Por indicação tanto nacional, corroborada a nível regional, deve ser prioritário em cada Igreja local: “encontros de formação missionária”, “capacitação de lideranças”, “implantação e fortalecimento dos conselhos missionários”, “comunhão com a Assessoria de Comunicação (ASCOM)”, “implantação e/ou fortalecimento da Infância e Adolescência Missionárias (IAM), Juventude Missionária (JM), Famílias Missionárias (FM), Idosos e Enfermos Missionários (IEM), Conselho Missionário de Seminaristas (COMISE)”, “incentivo aos projetos missionários entre os Regionais”, “presença e atuação de discípulos missionários de Jesus Cristo nas periferias geográficas e existenciais”, “conversão ecológica”, “concretização das diretrizes do Sínodo para a Amazônia” e a “defesa dos povos indígenas”.<sup>272</sup>

A pequena comunidade é, portanto, o âmbito primário de encontro concreto dos batizados com a Igreja. É nela que os valores cristãos são assimilados, que o compromisso missionário é despertado, que o batizado é preparado para a missão e nela engajado. É ela, portanto, a grande responsável pela promoção da missionariedade batismal de todos os seus membros.

---

<sup>272</sup> CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Programa Missionário Nacional**: 2019-2023. Brasília: CNBB, 2019. p. 58.

## CONCLUSÃO

Este trabalho buscou demonstrar o protagonismo da comunidade eclesial em promover a missionariedade batismal, voltando-se para os desafios que se apresentam à Igreja, particularmente na realidade de Santa Catarina, à luz da eclesiologia do Concílio Vaticano II. A pesquisa delineou a relação da comunidade eclesial com os seus membros, evidenciando a sua responsabilidade em acolher, promover a missionariedade batismal e enviar para a missão, visto que quem passa pelas águas do batismo é inserido numa comunidade cristã, incorporado ao povo de Deus, um organismo vivo, o corpo de Cristo.

No intento de cumprir o objetivo desta pesquisa, salientando a necessidade de se estar sempre atentos aos sinais dos tempos, num primeiro momento abordaram-se os desafios atuais que se apresentam à missão na Igreja, destacando-os a nível universal, e mostrando a repercussão dos mesmos na realidade catarinense. Resultaram desta abordagem a unânime constatação de que vivemos uma mudança de época, de que a globalização é um fenômeno que torna planetários os principais desafios que se apresentam à missão da Igreja, como o agravamento da desigualdade econômica, a gritante problemática ecológica, o crescente pluralismo religioso e a inadequação das estruturas eclesiais diante de todas essas questões.

Na realidade catarinense, uma característica que permeia todos os desafios acima elencados é o da urbanização. Trata-se de um fenômeno geográfico que também tem levado à uma litoralização da população, mas trata-se também e sobretudo de um fenômeno cultural que atinge inclusive aqueles que resistem ao êxodo e continuam habitando em zonas rurais. A intensidade da urbanização, agravada pela imigração tanto nacional quanto estrangeira, tem se refletido seja no desemprego, no aumento e na concentração da pobreza, nas questões ambientais e de moradia, seja na diversificação religiosa e na secularização.

Diante de tudo isso é preciso um novo modo de evangelizar, abandonando estruturas que não contribuam para a transmissão da fé, repensando-as a partir de uma conversão pastoral. Ou seja, para que a missão seja efetiva, contata-se a necessidade de um “espírito” reformador que continuamente revitalize a Igreja, no Espírito que lhe fala pelos sinais dos tempos e a conduz de volta às suas fontes. É urgente, portanto, atentar para a identidade da realidade nesta mudança de época e recorrer aos meios mais pertinentes indicados pelo Espírito Santo para evangelizá-la.

Tendo abordado os desafios que se apresentam à missão, no segundo capítulo aprofundou-se o sentido e o alcance da missionariedade

batismal. Realizou-se um percurso partindo da pia batismal, como a fonte da água viva, e da ação do Espírito que purifica, comunica a vida divina e insere a pessoa em uma comunidade eclesial. Ao ser regenerada pela água e pelo Espírito pressupõe-se que a pessoa se insira efetivamente no Povo de Deus, tornando-se nele e com ele um sacramento vivo. O sentido e a força sacramentais do batismo se perdem, caso o batizado não venha a integrar uma comunidade eclesial.

O discípulo missionário finca suas raízes no batismo, o primeiro dos sacramentos, que insere na comunidade cristã, incorporando no povo de Deus que é um organismo vivo, o corpo de Cristo, cuja finalidade é dar continuidade às missões do Filho e do Espírito, para dilatar o Reino de Deus. O Pai, que chama todos para junto de si, no batismo, pelo Espírito, os regenera, faz de todos filhos no Filho e herdeiros, dota-os de fé e os incorpora na Igreja. Simultaneamente, os unge, consagrando-os à missão como profetas, reis e sacerdotes e distribui carismas, conforme as necessidades missionárias da comunidade eclesial na qual estão concretamente inseridos.

A comunidade eclesial se constitui, portanto, de discípulos e discípulas de Jesus que são também seus missionários e missionárias, e tem a tarefa de promover sua missionariedade batismal. Ou seja, de despertá-los e prepará-los para o testemunho cristão no mundo, o que pressupõe a partilhar dos próprios dons com vistas à edificação da sua comunidade eclesial e de toda a Igreja, e também com vistas ao bem comum de toda a humanidade.

O terceiro capítulo procurou aprofundar, sempre na perspectiva eclesiológica do Concílio Vaticano II, a compreensão tanto da comunidade eclesial, quanto de sua finalidade missionária. O Concílio apresenta a Igreja principalmente a partir das noções de “mistério” e de “povo de Deus”. A Igreja é mistério por ser uma realidade sacramental, resultante da união do humano, os batizados, como o divino, o próprio Espírito Santo. Ela é, pois, uma realidade visível e invisível, espiritual e institucional. Um organismo cuja vida é o Espírito Santo, que a orienta, anima e fortalece na comunhão e na missão. A Igreja é um mistério sacramental com vistas à sua missão de salvação universal.

Esta Igreja, mistério sacramental, é o “Povo de Deus”. Esta noção, que perpassa toda a Escritura em seus dois testamentos e é rememorada pela Tradição, remete à sacramentalidade da Igreja. Ela é uma comunidade humana animada pelo Espírito, sua anima, alma, é o Espírito de Deus. O Espírito acompanha o Povo de Deus em seu peregrinar pela história, rumo ao Reino definitivo

Nesta noção emerge primeiramente o fato de todos serem membros do povo de Deus e, portanto, a dignidade fundamental de todos, conferida pelo batismo. A diferença de funções é posterior à comum condição e missionariedade batismais e estas funções existem para o serviço do povo. Não há, então, uma sobrevalorização dos ministérios ordenados em detrimento da dignidade e da missionariedade que vêm do batismo. A eclesiologia do Vaticano II destaca a contribuição de todos os cristãos e cristãs na missão e a necessidade de todos, para que o Reino de Deus se expanda por toda a terra.

Valorizou-se a Igreja local e nela as diversas comunidades eclesiais, evitando-se a visão da Igreja como uma massa anônima. Destacou-se a pequena comunidade, rica de carismas e ministério, como a primeira responsável pela formação para a missão. Por isso, considerou-se a ideia de comunidades eclesiais missionárias, que têm o protagonismo no processo de evangelização integral, pois são o local da experiência de encontro com Jesus que acolhe, se dá a conhecer, ama e se faz amar, concede o Espírito que faz compreender a Palavra e faz o Cristo sacramentalmente presente na Eucaristia, a fim de fortalecer na fé e na missão.

O batismo confere a pertença à Igreja, torna filho ou filha em uma família, a comunidade. Ela é como uma casa, lugar do encontro, da acolhida fraterna, do abraço, da proximidade, o que equivale a dizer que, ali, as pessoas são responsáveis umas pelas outras. A comunidade, assim, tem um papel central na vida e na missão do batizado. Ela é responsável por aqueles que acolhe como membros, inclusive pela promoção da missionariedade batismal dos mesmos. Como família, cabe-lhe formar seus filhos e filhas, o que se inicia pela introdução no mistério de Cristo e continua pela condução à maturidade cristã, para que, na força do Espírito, o fiel exerça a sua parte na missão, tanto na própria comunidade eclesial, quanto em todos os ambientes que as circunstâncias da vida o inserir.

A relevância desta pesquisa está justamente no destaque dado à comunidade eclesial como o “habitat” da vida cristã, particularmente em pequenas comunidades eclesiais missionárias. A vida em comunidade é um valor permanente e inerente ao Cristianismo e as pequenas comunidades eclesiais missionárias são apontadas como saídas e respostas para a complexa questão da evangelização no mundo atual, particularmente marcado pela massificação urbana. O trabalho é relevante também, porque insiste na responsabilidade dessas comunidades na promoção da missionariedade de seus membros que,

como sinais, precisam atrair pelo testemunho, e como instrumentos, precisam partir para anunciar Jesus.

A hipótese que fomentou toda a problemática envolvida na pesquisa, quanto ao protagonismo da comunidade eclesial na promoção da missionariedade batismal de seus membros, parece ter sido respondida e o objetivo geral, portanto, atingido.

Esta pesquisa possibilitou vislumbrar um panorama muito mais amplo da comunidade eclesial, da sua responsabilidade com os que lhe constituem, enfim, de sua decisiva importância. Percebeu-se que, diante da realidade presente, do desafio urgente de testemunhar a fé num mundo em que o individualismo assumiu proporções inauditas, proporcionar a vivência comunitária deve ser o foco de todo empenho missionário. Diante disso, sugere-se que outros trabalhos se dediquem ao aprofundamento da questão, iluminando sempre mais, nas perspectivas eclesial e missionária, a realidade das comunidades cristãs.

## REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Nilo. **A missão Hoje**: consciência e desafios. Não paginado. Disponível em: <[http://www.niloagostini.com.br/artigos/2010/pdf/16\\_260510\\_social.pdf](http://www.niloagostini.com.br/artigos/2010/pdf/16_260510_social.pdf)>. Acesso em: 20 de mai. de 2020.

A BÍBLIA SAGRADA. 3. ed. Brasília: CNBB, 2019.

ASSEMBLEIA ESPECIAL DO SÍNODO DOS BISPOS, 2019, Vaticano. **Sínodo para a Amazônia**: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. Brasília: CNBB, 2019; Doc. 58.

BIASIN, Francisco. Mudança de época: Diálogo ou polarizações. **CNBB Igreja Católica Apostólica Romana**, Brasília, 21 nov. 2017. Não paginado. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/mudanca-de-epoca-dialogo-ou-polarizacoes/>>. Acesso em 24 ago. 2020.

BOROBIO, Dionisio. **A celebração na Igreja**: sacramentos. Vol. 2. São Paulo: Loyola, 1993.

BRIGHENTI, Agenor. **Em que o Vaticano II mudou a Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2016.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: COSTA, Lourenço (Org.) **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 5 ed. São Paulo: Paulus, 1997. p. 101-197.

\_\_\_\_\_. Constituição Dogmática *Sacrosanctum Concilium*. In: COSTA, Lourenço (Org.) **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 5 ed. São Paulo: Paulus, 1997. p. 33- 86.

\_\_\_\_\_. Decreto *Ad Gentes*. In: COSTA, Lourenço (Org.) **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 5 ed. São Paulo: Paulus, 1997. p. 432-489.

\_\_\_\_\_. Decreto *Presbiterorum* Ordinis. In: COSTA, Lourenço (Org.) **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. 5 ed. São Paulo: Paulus, 1997. p. 491-538.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, III, 1979, Puebla. **Conclusões da Conferência de Puebla**: evangelização no presente e no futuro da América Latina. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1979.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2009, Aparecida. **Documento de Aparecida**: Texto conclusivo. 10. ed. Brasília: CNBB, 2008.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, IV, 1992, Santo Domingo. **Conclusões de Santo Domingo**. São Paulo: Loyola, 1992.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL Regional Sul IV. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja em Santa Catarina**: 2020-2023. Florianópolis: [s.n.], 2019.

\_\_\_\_\_. **Comunidade de comunidades**: uma nova paróquia. 2. ed. Brasília: CNBB, 2014.

\_\_\_\_\_. **Cristãos leigos e leigas na sociedade**. Brasília: CNBB, 2016.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023**. 2 ed. Brasília: CNBB, 2019.

\_\_\_\_\_. **Iniciação à vida cristã**: itinerário para formar discípulos missionários. Brasília: CNBB, 2017.

\_\_\_\_\_. **Missão e Cooperação Missionária**: orientações para a animação missionária da Igreja no Brasil. Brasília: CNBB, 2016.

\_\_\_\_\_. **Plano Regional Pastoral 2016-2019**. Florianópolis: [s.n.], 2015.

\_\_\_\_\_. **Programa Missionário Nacional**: 2019-2023. Brasília: CNBB, 2019.

CONGAR, Yves. **L'Église dans le monde de ce temps**: constitution pastorale *Gaudium et Spes*. Paris: Cerf, 1967a. p. 185-221 apud EING, 2020 apud EING, Ademir. **O ministério presbiteral em uma Igreja toda ministerial no pensamento de Yves Congar**: a responsabilidade do presbítero na promoção da ministerialidade eclesial. 373 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

\_\_\_\_\_. **Esquisses du Mystère de l'Église**. Paris: Cerf, 1953. p. 117-127 apud EING, Ademir. **O ministério presbiteral em uma Igreja toda ministerial no pensamento de Yves Congar**: a responsabilidade do presbítero na promoção da ministerialidade eclesial. 373 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

\_\_\_\_\_. Bulletin de théologie dogmatique. **Revue des Sciences philosophiques et théologiques**, [s.n.], n. 33, 1949 apud EING, Ademir. **O ministério presbiteral em uma Igreja toda ministerial no pensamento de Yves Congar**: a responsabilidade do presbítero na promoção da ministerialidade eclesial. 373 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

\_\_\_\_\_. Jalons pour une théologie du laïc. Paris: Cerf, 1953, p. 514-515 apud EING, Ademir. **O ministério presbiteral em uma Igreja toda ministerial no pensamento de Yves Congar**: a responsabilidade do presbítero na promoção da ministerialidade eclesial. 373 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

\_\_\_\_\_. Je crois en l'Esprit Saint. **Il est Seigneur et il donne la vie**. Paris: Cerf, 1980b. p. 268-269 apud EING, Ademir. **O ministério presbiteral em uma Igreja toda ministerial no pensamento de Yves Congar**: a responsabilidade do presbítero na promoção da ministerialidade eclesial. 373 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

\_\_\_\_\_. **Je crois en l'Esprit Saint**: l'Esprit Saint dans l' 'économie'. Revelation et expérience de l'Esprit. Paris: Cerf, 1981b apud EING, Ademir. **O ministério presbiteral em uma Igreja toda ministerial no pensamento de Yves Congar**: a responsabilidade do presbítero na

promoção da ministerialidade eclesial. 373 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

\_\_\_\_\_. Je crois en la Sainte Église. In: **Sainte Église**. Paris: Cerf, 1963 apud EING, Ademir. **O ministério presbiteral em uma Igreja toda ministerial no pensamento de Yves Congar**: a responsabilidade do presbítero na promoção da ministerialidade eclesial. 373 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

\_\_\_\_\_. **Le Concile de Vatican II. Son église peuple de Dieu et corps du Christ**. Paris: Beauchesne, 1984 apud EING, Ademir. **O ministério presbiteral em uma Igreja toda ministerial no pensamento de Yves Congar**: a responsabilidade do presbítero na promoção da ministerialidade eclesial. 373 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

\_\_\_\_\_. **Ministères et communion ecclésiale**. Paris: Cerf, 1971 apud EING, Ademir. **O ministério presbiteral em uma Igreja toda ministerial no pensamento de Yves Congar**: a responsabilidade do presbítero na promoção da ministerialidade eclesial. 373 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

\_\_\_\_\_. **Mon Journal du Concile II**. Paris: Cerf, 2002b apud EING, Ademir. **O ministério presbiteral em uma Igreja toda ministerial no pensamento de Yves Congar**: a responsabilidade do presbítero na promoção da ministerialidade eclesial. 373 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

\_\_\_\_\_. **Problemi e prospettive per la teologia dommatica**. Brescia: Queriniana, 1983a. p. 231-257 apud EING, Ademir. **O ministério presbiteral em uma Igreja toda ministerial no pensamento de Yves Congar**: a responsabilidade do presbítero na promoção da ministerialidade eclesial. 373 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

\_\_\_\_\_. **Sacerdoce et laïcité**. 2 ed. Paris: Cerf, 1965. p. 109-122 apud EING, Ademir. **O ministério presbiteral em uma Igreja toda ministerial no pensamento de Yves Congar**: a responsabilidade do presbítero na promoção da ministerialidade eclesial. 373 p. Tese

(Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

\_\_\_\_\_. **Si vous êtes m<sup>s</sup> témoins**. Paris: Cerf, 1959 apud EING, Ademir. **O minist<sup>rio</sup> presbiteral em uma Igreja toda ministerial no pensamento de Yves Congar**: a responsabilidade do presb<sup>tero</sup> na promo<sup>ção</sup> da ministerialidade eclesial. 373 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

\_\_\_\_\_. **Situation et t<sup>ches</sup> presentes de la th<sup>ologie</sup>**. Paris: Cerf, 1967. apud EING, Ademir. **O minist<sup>rio</sup> presbiteral em uma Igreja toda ministerial no pensamento de Yves Congar**: a responsabilidade do presb<sup>tero</sup> na promo<sup>ção</sup> da ministerialidade eclesial. 373 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

\_\_\_\_\_. **Structure du sacerdote Chr<sup>tien</sup>. Sainte <sup>É</sup>glise**. Paris: Cerf, 1951 apud EING, Ademir. **O minist<sup>rio</sup> presbiteral em uma Igreja toda ministerial no pensamento de Yves Congar**: a responsabilidade do presb<sup>tero</sup> na promo<sup>ção</sup> da ministerialidade eclesial. 373 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

\_\_\_\_\_. Une conclusion tr<sup>ologique</sup> à l'enqu<sup>te</sup> sur les raisons actuelles de l'incroyance. **La vie intellectuelle**, [s.l.], n. 37, p. 214-249, 1935 apud EING, Ademir. **O minist<sup>rio</sup> presbiteral em uma Igreja toda ministerial no pensamento de Yves Congar**: a responsabilidade do presb<sup>tero</sup> na promo<sup>ção</sup> da ministerialidade eclesial. 373 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

\_\_\_\_\_. **Vatican II**: l'activit<sup>é</sup> missionnaire de l'<sup>É</sup>glise. Paris: Cerf, 1967e. p. 185-221 apud EING, Ademir. **O minist<sup>rio</sup> presbiteral em uma Igreja toda ministerial no pensamento de Yves Congar**: a responsabilidade do presb<sup>tero</sup> na promo<sup>ção</sup> da ministerialidade eclesial. 373 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

\_\_\_\_\_. **Vraie et fausse reforme dans l'<sup>É</sup>glise**. Paris: Cerf, 1950 apud EING, Ademir. **O minist<sup>rio</sup> presbiteral em uma Igreja toda ministerial no pensamento de Yves Congar**: a responsabilidade do

presbítero na promoção da ministerialidade eclesial. 373 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 2001. **Manual de Liturgia III: A celebração do mistério pascal, os sacramentos: sinais do mistério pascal.** São Paulo: Paulus, 2005.

DE LUBAC, Henri. **Entretien autour de Vatican II: souvenirs et réflexions.** Paris: Cerf, 1985 apud FRAGA, Luiz F. **O mistério da Igreja na eclesiologia de Henri de Lubac.** 96 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Teologia, Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

EING, Ademir. **O ministério presbiteral em uma Igreja toda ministerial no pensamento de Yves Congar:** a responsabilidade do presbítero na promoção da ministerialidade eclesial. 373 p. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

FAMEREE, Joseph. **L'ecclésiologie d'Yves Congar avant Vatican II, Histoire et Église.** Leuven: Peeters, 1992<sup>a</sup> apud EING, 2020.

FRANCISCO. **Carta do Papa Francisco:** por ocasião do centenário da promulgação da carta apostólica *Maximum Illud*. Brasília: CNBB, 2018.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica *Laudato Si*:** sobre o cuidado com a casa comum. Vaticano: 2015. p. 7; LS 7. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/document\\_s/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si\\_po.pdf](https://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/document_s/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf)> 23 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*.** São Paulo: CNBB, 2013.

GOEDERT, Valter M. Batismo e Missão. **Encontros Teológicos:** revista do ITESC, Florianópolis, 1997. p. 36-42, 1997.

\_\_\_\_\_. **Teologia do Batismo:** considerações teológico-pastorais sobre o batismo. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

HACKMANN, Geraldo L. B. *A amada Igreja de Jesus Cristo: manual de Eclesiologia como comunhão orgânica*. Porto Alegre: EDUPUCRS, 2013.

HORTAL, Jesús. **Os Sacramentos da Igreja na sua Dimensão Canônico-Pastoral**. 6 ed. São Paulo: 2015.

JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica **Redemptoris Missio***. São Paulo: Paulinas, 1991.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica *Christifidelis Laici***. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1989.

KASPER, Walter. **A Igreja Católica: essência, realidade, missão**. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

MOSER, Hilário. **Concílio Vaticano II: Você conhece? Síntese dos documentos conciliares**. São Paulo: Salesiana, 2006.

OLIVEIRA, José L. M. **Qual o sentido da vocação e da missão?** São Paulo: Paulus, 2006.

OÑATIBIA, Ignacio. **Batismo e Confirmação: sacramentos de iniciação**. Tradutor: José Afonso Beraldin. São Paulo, Paulinas, 2007.

PAULO VI. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi***: sobre a evangelização do mundo contemporâneo. 10. ed. São Paulo: Loyola, 1982.

SUESS, Paulo. **Dicionário da *Evangelii Gaudium***: 50 palavras-chave para uma leitura pastoral. São Paulo: Paulus, 2015.

TABORDA, Francisco. **Nas fontes da vida cristã**. Uma teologia do batismo – crisma. São Paulo: Loyola, 2001.

\_\_\_\_\_. Francisco. **Sacramentos, praxis e festa**. 5 ed. São Paulo: Paulus, 2019.